

Duarte Pinto Gonçalves

# **Estudo às Casas Nobres Portuguesas Para o entendimento da Casa de Alvelo**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para a obtenção do  
Grau de Mestre em Arquitetura

Orientadora: Professora Doutora Arq.<sup>a</sup> Edite Maria Figueiredo Rosa

Universidade Lusófona do Porto

**Faculdade de Comunicação, Arquitetura  
Artes e Tecnologias da informação**

Porto  
2013



## Agradecimentos

Á minha orientadora, o Prof. Arq.º Edite Rosa, pela grande disponibilidade rigor, paciência e compreensão ao longo do trabalho indispensável para a realização desta dissertação.

Aos proprietários das Casas Nobres do Marco de Canaveses, que gentilmente abriram as suas portas para que fosse possível demonstrar os exemplos que aqui estão presentes nesta dissertação.

Ao gabinete Siza Vieira e ao Arq. José Luís carvalho gomes pela disponibilidade, amabilidade com que me receberam e pelos elementos cedidos que foram fundamentais para o trabalho.

A fundação Marques da Silva pelo profissionalismo

Às pessoas de Vila Boa do Bispo, que cederam de bom grado alguns elementos que contribuíram para a concretização deste estudo.

Á minha família, pelo constante apoio ao longo de toda a minha vida escolar

Á minha namorada, pelo incentivo, sugestões e por me acompanhar e ajudar nas diversas visitas aos locais em estudo, pela sua presença e apoio.

A todos os amigos e colegas de curso que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.



## Índice

|                                                                                          |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Agradecimentos.....                                                                      | 3          |
| Índice .....                                                                             | 5          |
| Índice e Créditos de figuras .....                                                       | 7-13       |
| Índice de anexos .....                                                                   | 15         |
| Resumo .....                                                                             | 17         |
| Abstract .....                                                                           | 19         |
| Palavras-chaves .....                                                                    | 20         |
| Introdução (objetivos, objeto, metodologia) .....                                        | 23-27      |
| CAPÍTULO 1 - Os Solares Portugueses: Perspetiva Histórica                                |            |
| 1.1. - O objeto de estudo .....                                                          | 30-33      |
| 1.2. - Valor histórico do objeto de estudo .....                                         | 33-41      |
| 1.3. - Caracterização histórica da casa nobre do Norte de Portugal.....                  | 41-51      |
| 1.4. - Breve descrição dos exemplos de casas nobres no Marco de Canaveses.....           | 51-57      |
| CAPÍTULO 2 – A Problemática da Reabilitação                                              |            |
| 2.1.- O conceito do restauro e ambiguidade da definição na atuação no pré-existente..... | 61-63      |
| 2.2.- No restauro: os dois conceitos de intervenção .....                                | 63-67      |
| 2.3. - Análise dose exemplos de intervenções de restauro                                 |            |
| 2.3.1.- Casa da Covilhã – Quinta da Covilhã .....                                        | 68-76      |
| 2.3.2.- Casa Ana Costa- Quinta de Santo Ovídio.....                                      | 78-87      |
| Notas finais .....                                                                       | 89-93      |
| Bibliografia.....                                                                        | 95-99      |
| ANEXO A - Levantamento desenhado .....                                                   | I-X        |
| ANEXO B - Levantamento fotográfico .....                                                 | XI-XXIII   |
| ANEXO C - Planta de caracterização histórica.....                                        | XXIV-XXVII |
| ANEXO D - Entrevista ao Arq. José Luís Carvalho Gomes.....                               | XXVIII     |



## Índice e Créditos de Figuras

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1- Casa de Alvelo alçado sul.....                                                                                                                                                                                                                                                                             | 30 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                                                                                                                                                          |    |
| Figura 2- Planta piso 00 Casa de Alvelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                        | 32 |
| Desenho do autor [2013].                                                                                                                                                                                                                                                                                             |    |
| Figura 3- Planta piso 01 Casa de Alvelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                        | 32 |
| Desenho do autor [2013]                                                                                                                                                                                                                                                                                              |    |
| Figura 4- Planta de caracterização histórica .....                                                                                                                                                                                                                                                                   | 34 |
| Desenho do autor [2013]                                                                                                                                                                                                                                                                                              |    |
| Figura 5- Alçado Sul da Casa de Alvelo, fotografia séc. XX .....                                                                                                                                                                                                                                                     | 36 |
| Fotografia de autor desconhecido cedida por familiar da Casa de Alvelo [2013]                                                                                                                                                                                                                                        |    |
| Figura 6- Alçado Oeste da Casa de Alvelo, fotografia séc. XX .....                                                                                                                                                                                                                                                   | 36 |
| Fotografia de autor desconhecido cedida por familiar da Casa de Alvelo [2013]                                                                                                                                                                                                                                        |    |
| Figura 7- Capela da Casa de Alvelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                             | 38 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                                                                                                                                                          |    |
| Figura 8- Salão nobre ala Oeste Casa de Alvelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                 | 40 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                                                                                                                                                          |    |
| Figura 9- Sala de jantar da Casa de Alvelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                     | 42 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                                                                                                                                                          |    |
| Figura 10- Torre de Gomariz .....                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 44 |
| Fotografia retirada de : <a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=477315">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=477315</a> e desenho esquemático do autor a partir da imagem retirada em: <a href="http://maps.google.pt">http:// maps.google.pt</a> .                                       |    |
| Figura 11- Solar dos Távoras .....                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 44 |
| Fotografia retirada de : < <a href="http://www.duarteabelo.com/03-portugal/0302-lugares/171-fi518839.html">http://www.duarteabelo.com/03-portugal/0302-lugares/171-fi518839.html</a> > e desenho esquemático do autor a partir da imagem retirada de :< <a href="http://maps.google.pt">http:// maps.google.pt</a> > |    |
| Figura 12- Paço do Curutelo .....                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 44 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://hugovalentim.com/local/curutelo-castelo">http://hugovalentim.com/local/curutelo-castelo</a> > e desenho esquemático do autor a partir da imagem retirada de: < <a href="http://maps.google.pt">http:// maps.google.pt</a> >                                                |    |
| Figura 13- Solar de Mateus .....                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 46 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://olhares.sapo.pt/solar-de-mateus-foto1799881.html">http://olhares.sapo.pt/solar-de-mateus-foto1799881.html</a> >                                                                                                                                                            |    |
| Figura 14- Castelo de Alvito .....                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 46 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=764938&amp;page=10">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=764938&amp;page=10</a> >                                                                                                                                        |    |



|                                                                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 15- Casa da Rede .....                                                                                                                                               | 48 |
| Imagem retirada do livro: AZEVEDO, Carlos. 1998. Solares portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre. Livros Horizonte, 2ª edição.                                      |    |
| Figura 16- Casa da Fidalga.....                                                                                                                                             | 48 |
| Imagem retirada do livro: AZEVEDO, Carlos. 1998. Solares portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre. Livros Horizonte, 2ª edição.                                      |    |
| Figura 17- Casa do Benfeito .....                                                                                                                                           | 48 |
| Imagem retirada do livro: AZEVEDO, Carlos. 1998. Solares portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre. Livros Horizonte, 2ª edição.                                      |    |
| Figura 18- Obras do Fidalgo .....                                                                                                                                           | 50 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 19- Casa dos Arcos.....                                                                                                                                              | 50 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 20- Casa Grande.....                                                                                                                                                 | 50 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 21- Casa da Quintã .....                                                                                                                                             | 52 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=398192&amp;page=3">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=398192&amp;page=3</a> > |    |
| Figura 22- Casa do Ribeiro .....                                                                                                                                            | 52 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4932">http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4932</a> >       |    |
| Figura 23- Casa da Ribeira .....                                                                                                                                            | 52 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 24- Casa de Vila Boa .....                                                                                                                                           | 54 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 25- Capela da Casa da Lavandeira .....                                                                                                                               | 54 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 26- Casa da Lavandeira.....                                                                                                                                          | 54 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 27- Casa de Cavaleiros .....                                                                                                                                         | 54 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 28- Casa do Outeiro.....                                                                                                                                             | 56 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |
| Figura 29- Casa de Ambrões .....                                                                                                                                            | 56 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                                                 |    |



|                                                                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 30- Casa de Soutelo .....                                                                                                                 | 56 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 31- Vista Aérea da Quinta da Covilhã. ....                                                                                                | 68 |
| Montagem explicativa através da imagem retirada em: < <a href="http://maps.google.pt">http:// maps.google.pt</a> >                               |    |
| Figura 32- Alçado Principal da Casa da Covilhã .....                                                                                             | 68 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 33- Planta de enquadramento e esquema de organização dos jardins .....                                                                    | 70 |
| Imagem nº 0191-000102-Através da consulta ao Arquivo Fernando Távora na Fundação Marques da Silva [2013]                                         |    |
| Figura 34- Portão da Casa da Covilhã.....                                                                                                        | 72 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 35- Átrio Exterior da Casa da Covilhã.....                                                                                                | 72 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 36- Alçado Oeste da Casa da Covilhã.....                                                                                                  | 72 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 37- Alçado Norte da Casa da Covilhã.....                                                                                                  | 72 |
| Fotografia do autor [2013].                                                                                                                      |    |
| Figura 38- Planta do Piso 01 e relação com o Piso 02 da Casa da Covilhã .....                                                                    | 74 |
| Imagem nº 0191-0015 Através da consulta ao Arquivo Fernando Távora na Fundação Marques da Silva [2013]                                           |    |
| Figura 39- Capela da Casa da Covilhã .....                                                                                                       | 76 |
| Imagem retirada do livro: TRIGUEIROS, L. [et al] (1993), <i>Fernando Távora</i> , Blau, Lisboa p.132                                             |    |
| Figura 40- Sala de Receção da Casa da Covilhã.....                                                                                               | 76 |
| Imagem retirada do livro: TRIGUEIROS, L. [et al] (1993), <i>Fernando Távora</i> , Blau, Lisboa p.132                                             |    |
| Figura 41- Biblioteca da Casa da Covilhã.....                                                                                                    | 76 |
| Imagem retirada do livro: TRIGUEIROS, L. [et al] (1993), <i>Fernando Távora</i> , Blau, Lisboa p.132                                             |    |
| Figura 42- Sala de Jantar da Casa da Covilhã .....                                                                                               | 76 |
| Imagem retirada do livro: TRIGUEIROS, L. [et al] (1993), <i>Fernando Távora</i> , Blau, Lisboa p.132                                             |    |
| Figura 43- Planta de implantação da Quinta de Santo Ovídio.....                                                                                  | 78 |
| Montagem explicativa através da imagem retirada do livro: FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, <i>Álvaro Siza: Tutte le opere</i> , Electa, Milan p. 377 |    |



|                                                                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 44- Casa Ana Costa: Vista alçado poente .....                                                                    | 78 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 45- Casa Ana Costa Planta Piso 01 pré-existência .....                                                           | 80 |
| Imagem fornecida pelo gabinete Siza Vieira. Aquando da entrevista ao Arq. José Luís Carvalho Gomes                      |    |
| Figura 46- Casa Ana Costa Planta Piso 00 pré-existência .....                                                           | 80 |
| Imagem fornecida pelo gabinete Siza Vieira. Aquando da entrevista ao Arq. José Luís Carvalho Gomes                      |    |
| Figura 47- Casa Ana Costa Planta Piso 01 .....                                                                          | 82 |
| Imagem retirada do livro: FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, <i>Álvaro Siza: Tutte le opere</i> , Electa, Milan p. 377        |    |
| Figura 48- Casa Ana Costa Planta Piso 00 .....                                                                          | 82 |
| Imagem retirada do livro: FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, <i>Álvaro Siza: Tutte le opere</i> , Electa, Milan p. 377        |    |
| Figura 49- Cozinha da Casa Ana Costa .....                                                                              | 84 |
| Fotografia retirada de: <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a>     |    |
| Figura 50- Escadas interiores da Casa Ana Costa .....                                                                   | 84 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 51- Sala de Estar Piso 00 da Casa Ana Costa .....                                                                | 84 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 52- Portão da Quinta de Santo Ovídio .....                                                                       | 86 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 53- Capela de Santo Ovídio .....                                                                                 | 86 |
| Fotografia retirada de:< <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> >  |    |
| Figura 54- Interior da Capela de St. Ovídio .....                                                                       | 86 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 55 – Volume da piscina interior de St. Ovídio .....                                                              | 86 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 56 – Planta-Alçado da Casa de Hóspedes e Piscina Interior .....                                                  | 87 |
| Imagem retirada do livro: FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, <i>Álvaro Siza: Tutte le opere</i> , Electa, Milan p.378         |    |
| Figura 57- Pormenor ligação dos volumes .....                                                                           | 87 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 58 – Pormenor do telhado.....                                                                                    | 87 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |
| Figura 59 – Interior da Piscina de St. Ovídio .....                                                                     | 87 |
| Fotografia retirada de: < <a href="http://ultimasreportagens.com/siza.php">http://ultimasreportagens.com/siza.php</a> > |    |



## Índice de anexos

### - Anexo A - Levantamento desenhado

|                                              |      |
|----------------------------------------------|------|
| PLANTA DE IMPLANTAÇÃO ESCALA 1:5000 .....    | I    |
| PLANTA PISO 00 ESCALA 1:100 .....            | II   |
| PLANTA PISO 01 ESCALA 1:100 .....            | III  |
| CORTE AA- CORTE BB ESCALA 1:100 .....        | IV   |
| CORTE CC- CORTE DD ESCALA 1:100 .....        | V    |
| ALÇADO SUL- ALÇADO OESTE ESCALA 1:100 .....  | VI   |
| ALÇADO NORTE- ALÇADO ESTE ESCALA 1:100 ..... | VII  |
| PORMENOR PLANTA PISO 00 ESCALA 1:50 .....    | VIII |
| PORMENOR PLANTA PISO 01 ESCALA 1:50 .....    | IX   |
| CORTE EE ESCALA 1:50 .....                   | X    |

### - Anexo B - Levantamento fotográfico

|                                              |       |
|----------------------------------------------|-------|
| ÁTRIO DE ENTRADA.....                        | XI    |
| ALA OESTE.....                               | XII   |
| PÁTIO - LOJA ESTE .....                      | XIII  |
| PÁTIO - MARQUISE.....                        | XIV   |
| COZINHA.....                                 | XV    |
| QUARTOS ALA OESTE .....                      | XVI   |
| SALA DE JANTAR - SALÃO NOBRE ALA OESTE ..... | XVII  |
| BIBLIOTECA - SALÃO NOBRE ALA ESTE.....       | XVIII |
| QUARTOS ALA ESTE .....                       | XIX   |
| CAPELA.....                                  | XX    |
| EXTERIOR .....                               | XXI   |
| JARDIM .....                                 | XXII  |
| CASA DO CASEIRO .....                        | XXIII |

### - Anexo C – Planta de caracterização histórica

|                          |       |
|--------------------------|-------|
| ESTRUTURA SÉC. XIV ..... | XXIV  |
| ESTRUTURA SÉC. XVII..... | XXV   |
| ESTRUTURA SÉC. XIX.....  | XXVI  |
| ESTRUTURA SÉC. XX.....   | XXVII |

### - Anexo D – Entrevista ao Arq. José Luís Carvalho Gomes .....

XXVIII



## Resumo

Nesta dissertação de mestrado, analisam-se formas de valorização das Casas Nobres, enquanto património evolutivo-vivo resultante de um conjunto de períodos históricos e culturais que se desenvolveram desde a Idade Média até ao presente. Estes períodos influenciaram os diversos modos de apreciação dos seus elementos construídos e naturais e, conseqüentemente, as sucessivas intervenções arquitetónicas, com vista à sua salvaguarda.

Esta investigação é centrada no contexto português, sendo o trabalho desenvolvido a partir de um objeto de estudo a Casa de Alvelo, edifício de habitação nobre, pretendendo-se com esta abordar a evolução da cultura arquitetónica das Casas Nobres Portuguesas, esclarecer os conceitos inerentes ao restauro e elaborar uma interpretação da arquitetura contemporânea analisando dois casos de estudo relativos a edifícios de casas nobres com intervenções contemporâneas de arquitetos portugueses. De cada autor, arquitetos Fernando Távora e Álvaro Siza, escolhidos enquanto figuras de referência, e de certo modo representativos do panorama nacional, interessa reconhecer o sentido que atribui aos conceitos de intervenção no pré-existente, percebendo como estes se refletem na sua metodologia de projeto e como se manifestam num entendimento específico da arquitetura.

Os exemplos de estudo demonstram grande seriedade na requalificação destes edifícios, representando duas visões que podemos adotar no edifício Casa de Alvelo, promovendo a utilização destes espaços de forma a preservar o passado e dar-lhe novamente utilidade no presente e no futuro.

Nesta perspetiva, as Casas Nobres Portuguesas como edifícios de interesse e de importância histórica, motiva uma intervenção de restauro que reflita o essencial da sua tipologia original, adotando uma doutrina de restauro renovador, ou um restauro conservador ao objeto de estudo Casa de Alvelo.



## Abstract

The forms of recovery of the Noble Houses have been analyzing in this dissertation while evolutionary and live patrimony, a results from a set of historical and cultural periods that have developed since the Middle Ages to the present. These periods that influenced the various modes of evaluation of their built and natural elements and consequently the successive architectural interventions, in order to safeguard them.

This research is focused on context Portuguese and the work is developed from an object of study, Alvelo house as building housing noble, propose with this addressing the evolution of architectural culture of the Noble Houses Portuguese, clarify the concepts inherent to restore and develop an interpretation of contemporary architecture by analyzing two case study relating to building of mansions with contemporary interventions of Portuguese architects. Of each author's, architects Fernando Tavora and Álvaro Siza, chosen as reference figures , and in a way representative of the national picture, interests recognize the sense that attaches to the intervention, concepts on the reflected in their project methodology and, more than all, how they manifested their specific understanding of architecture.

The study examples demonstrate great seriousness on the requalification of these buildings, representing two visions we can take in the building Alvelo house, by promoting the use of such areas in order to preserve the past and give it utility again at, in the present and in the future.

In this perspective, the Portuguese Noble Houses, like buildings of interest and historic importance, motivates a restore intervention that reflects the essence of his original typology, by adopting the doctrine of renovator or a conservative restore to the object of study Alvelo house.



Palavras-chave:

Arquitetura;

Casas Nobres;

Casa de Alvelo;

Restauro;

Conservação;



## Introdução

O presente trabalho insere-se no âmbito da dissertação do curso Mestrado Integrado de Arquitetura do ano de 2013.

Na escolha do tema para esta dissertação- *O restauro em Casas Nobres Portuguesas: O exemplo da Casa de Alvelo*, pretende-se aprofundar conhecimentos relativamente ao domínio do restauro arquitetónico de edifícios antigos, tendo em conta a atual prática profissional da arquitetura, que se antevê, subsistir em intervenções no edificado existente, de forma a possibilitar uma futura intervenção em construções desta natureza. Para definir um ponto de partida para este estudo foi elaborada a seguinte questão: qual o futuro a dar as casas nobres portuguesas, o restauro e a renovação ou abandono?

O **objeto** de estudo desta dissertação representa-se pelo edifício senhorial do séc. XVII, denominado Casa de Alvelo<sup>1</sup>, que inserido num complexo, de uso agrícola na freguesia de Vila Boa do Bispo, concelho do Marco de Canaveses. É através de um estudo descritivo, efetuado através de um levantamento projectual à casa principal e à capela que se procura tornar possível expor uma breve descrição cronológica das alterações que sofreu ao longo do tempo de acordo com as necessidades do momento. Procura-se identificar em termos cronológicos, as estruturas de formação relativamente ao séc. XVII e o séc. XIX, bem como distinguir aquelas que são relevantes na qualidade arquitetónica.

De forma a estabelecer uma ponte entre o âmbito da investigação e aprofundar a questão específica do confronto entre o contemporâneo e o histórico, os **objetivos** desta dissertação consistem, em perceber o que define a casa nobres através do estudo da evolução das casas nobres do norte de Portugal, bem como a exploração de questões e temas inerentes às problemáticas no que concerne à intervenção arquitetónica em edifícios antigos, como o restauro, a renovação a partir, a uma análise a projetos desta natureza.

Assim, através de um levantamento projectual do objeto de estudo e em simultâneo uma reflexão, pretende-se abordar o tema e reinterpretar as duas obras de referência, dois casos de estudo. Estes casos, nomeadamente, o da Casa da Covilhã, do arquiteto Fernando Távora e a Casa de Ana Costa, do arquiteto Siza Vieira, são edifícios contemporâneos de arquitetos portugueses, construídos com manifesto valor patrimonial, que de uma forma singular, introduzem opções e atitudes próprias de cada arquiteto nestes projetos de restauro.

---

<sup>1</sup>In MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses, pp. 226



Com vista a restringir o campo de análise, a investigação foi limitada ao contexto português, não só pela proximidade física, importante para o conhecimento *in loco* das várias obras, mas também pelo facto da realidade portuguesa estar associada a uma série de arquitetos que, do séc. XX introduziram, na nossa cultura, um particular interesse pela História e um profundo sentido de respeito pelos valores da Tradição. Deste modo, ao adotar como tema as Casas Nobres, foi possível centrar a atenção num conjunto de atitudes projectuais que estão estabelecidas no mesmo decurso cultural, social, económico e político.

Em consideração às constantes e às diferenças que resultam do confronto entre as duas obras de arquitetura, interessa, em ambos, decifrar a obra enquanto formalização e síntese de um pensamento, e reconhecer cada ato bem como a razão de cada operação projectual, sobretudo no âmbito do tema das casas nobres.

No que diz respeito à **estrutura**, divide-se em dois capítulos principais. No primeiro capítulo é feito o enquadramento do objeto de estudo, a partir da caracterização histórica, da evolução das casas nobres em Portugal, e por sua vez, no Marco de Canaveses, uma caracterização histórica do objeto de estudo Casa de Alvelo. Através da leitura cruzada de diversos autores, é aprofundado o tema relativo à História e à Tradição na arquitetura das Casas Nobres Portuguesas, bem como, é criado um levantamento desenhado e fotográfico do objeto de estudo com a finalidade de o perceber na totalidade, perceber a sua evolução e transformações. No segundo capítulo, são analisados os exemplos de estudo, Casa da Covilhã de Fernando Távora e Casa Ana Costa de Siza Vieira, e em ambos interessa fundamentar as estratégias escolhidas numa perspetiva e entendimento da sua renovação.

Por fim, a conclusão geral baseia a análise crítica de comparação entre as obras seleccionadas e que se constituirão num processo metodológico e levará a questões e conclusões específicas no que respeita à requalificação do pré-existente e a formulação de condições para um futuro novo projeto.

A **metodologia** utilizada para este trabalho insere-se na abordagem qualitativa, ao estudar um caso em concreto através da observação e pesquisa, tendo como base a análise de outros casos.



Para YIN<sup>2</sup>, o estudo de caso é um método que se eleger quando o fenómeno que se estuda não se distingue do seu contexto, sendo o objetivo da observação para COHEN, *“sondar em profundidade e analisar exaustivamente os múltiplos fenómenos que constituem o ciclo de vida da unidade em análise, com a ideia de estabelecer generalizações sobre uma população mais ampla do que a referida unidade”*<sup>3</sup>.

Para se poder generalizar, os estudos de caso devem relacionar-se com um marco de trabalho teórico e, por sua vez, deve ajustar-se tal marco teórico à medida que os resultados dos estudos de caso aportem novos dados.

O método de recolha dos dados utilizados é a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, direcionada a explorar a história e a arquitetura nas Casas Nobres que se concretizam no espaço rural, no seu uso e na sua imagem física. Numa análise principal do caso de estudo proposto, este encontra-se fundamentado pela revisão bibliográfica da história do edifício de habitação nobre, Casa de Alvelo, e com as informações colhidas “in loco” no levantamento desenhado e fotográfico.

Após esta fase, emergem as questões relativas às noções de restauro e renovação, onde realiza-se uma pesquisa teórica sobre este mesmo tema, tornando-se necessário enumerar os exemplos que visam esta problemática, através da criação de um levantamento através de fotografias e peças desenhadas dos mesmos, e ainda na qual foi possível existir um momento de entrevista a um colaborador do projeto do arquiteto Siza Vieira da Quinta de Santo Ovídio.

---

<sup>2</sup> YIN, R. K. . 2003. *Case study research*. 3.<sup>a</sup> ed. Thousands Oaks, CA: Sage p. 4

<sup>3</sup> COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. (2000) *Research Methods in Education*. Routledge Falmer, London, p.185



## CAPÍTULO 1

Objeto de estudo: Casa de Alvelo

As Casas Nobres Portugueses



Figura 1 - Casa de Alvelo alçado sul

## 1.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo deste trabalho refere-se à Casa de Alvelo (fig.1), situada em Vila Boa do Bispo do concelho do Marco de Canaveses, sendo casa principal um solar ou casa senhorial, com capela particular, implantada no centro da quinta de Alvelo, está inserida no meio rural isolado, e exposta na margem sudeste do Rio Tâmega, em que a paisagem foi marcada outrora pela agricultura vinícola e de produção de cereais. A esta casa, é lhe também associada outra casa, a do “*Caseiro*”, de arquitetura popular.

A casa apresenta uma tipologia planta quadrada com um pátio central, desenvolvendo-se em dois pisos e divide as dependências agrícolas no piso térreo das áreas sociais no piso superior. As alterações introduzidas na casa, ao longo do tempo aumentaram as distinções de usos por piso.

Neste momento a casa possui na fachada principal uma organização simétrica, descrevendo-lhe três portas no rés-do-chão e duas janelas entre estas, protegidas por grades. A porta central com janelas de cada um dos lados, dão para o átrio de entrada, sendo as outras duas portas laterais de acesso às lojas. No segundo piso, uma varanda marca o centro do edifício e um pouco a cima está inserido o brasão da casa, que segundo a autora MONTEIRO<sup>4</sup>, se refere à família que habitava a casa em meados do séc. XVIII, os “Azevedos e Mello”. De cada lado da varanda três janelas dão luz aos salões nobres da casa.

No que diz respeito à organização espacial da casa, na qual podemos visualizar na figura, (fig.2), na finalidade de compreender relação entre os espaços entre si. No primeiro andar, a casa tem um desenvolvimento simétrico no volume da fachada principal, contendo os usos como quartos e salas para além de uma cozinha de grandes dimensões e uma copa. (fig.3)

Nas restantes das fachadas não se encontram as mesmas regras de simetria implícitas na fachada principal. Mas, o exemplo da fachada oeste parcialmente tapada pela capela, mostra um carácter nobre no ritmo das aberturas do primeiro andar, sendo três varandas da sala de jantar e duas janelas uma de cada quarto. No piso térreo três aberturas pequenas e uma porta sem cantaria, que indicam o uso inicial de loja agrícola ou de arrecadação.

---

<sup>4</sup> MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses.

- 01.– ÁTRIO DE ENTRADA
- 02.– LOJA OESTE
- 03.– QUARTO
- 04.– QUARTO
- 05.– QUARTO
- 06.– QUARTO DE BANHO
- 07.– PÁTIO
- 08.– ARRECADAÇÃO
- 09.– QUARTO DE BANHO
- 10.– LOJA ESTE

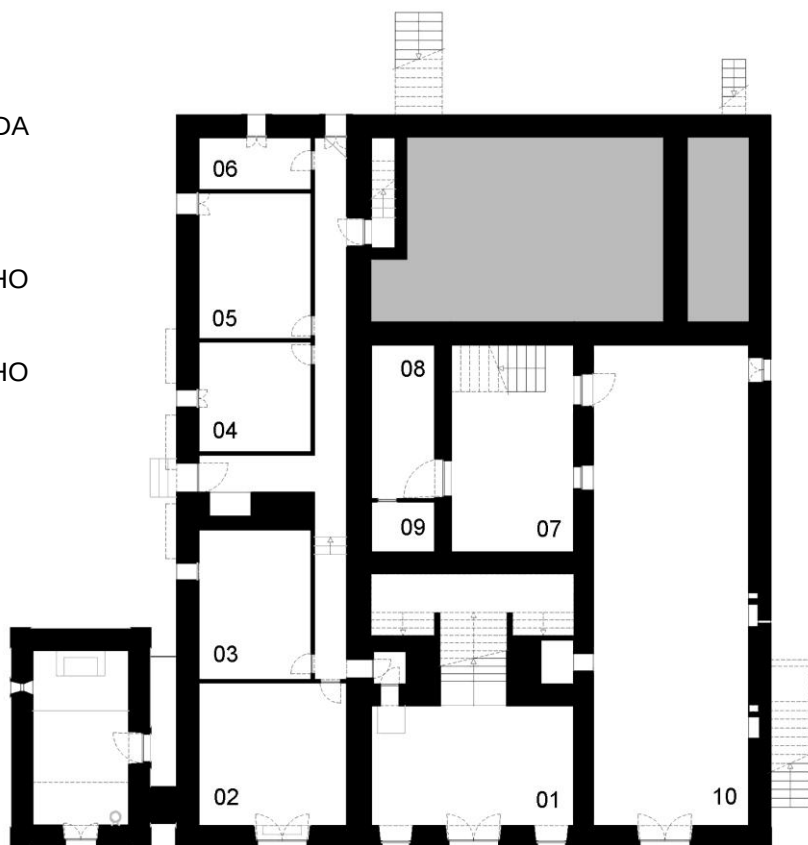


Figura 2 - Planta piso 00 casa de Alvelo

- 11.– SALÃO NOBRE
- 12.– QUARTO
- 13.– QUARTO
- 14.– QUARTO
- 15.– QUARTO DE BANHO
- 16.– ESCRITÓRIO/BIBLIOTECA
- 17.– SALÃO NOBRE
- 18.– SALA DE JANTAR
- 19.– QUARTO
- 20.– QUARTO
- 21.– QUARTO DE BANHO
- 22.– COZINHA
- 23.– ÁREA TÉCNICA
- 24.– CAPELA

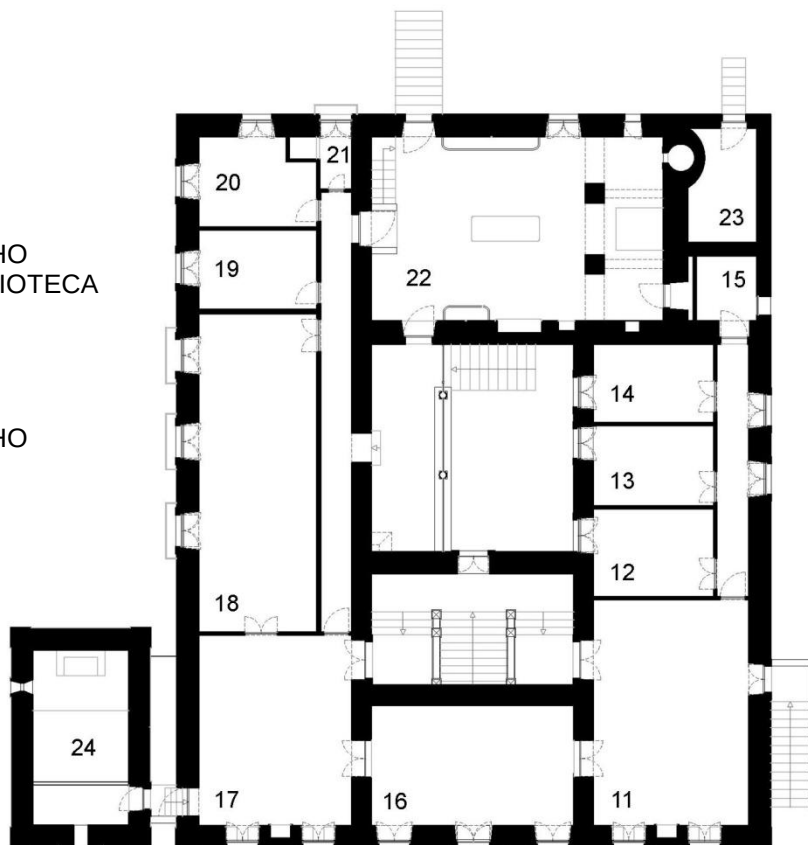


Figura 3 - Planta piso 01 casa de Alvelo

Na fachada este, encontramos a escada e porta de acesso ao salão nobre do primeiro piso, mais duas janelas de iluminação do corredor e no rés-do-chão pequenas frinchas de arejamento da loja, nota-se também as marcas de uma porta que foi fechada por baixo da atual casa de banho, e o anexo que cria um ressalto no alçado.

Por último, o alçado norte é referente ao volume da cozinha, sendo definitivamente diferente dos restantes, por falta de pormenores tais como, cantaria e cornija. A imponente chaminé também nos remete para uma alteração da arquitetura original do solar.

Anexo à casa a Oeste encontra-se a capela particular de pequenas dimensões, que possui à esquerda da porta de entrada uma pia em granito, ao fundo um altar e por cima da área de entrada um coro que tem passagem para a casa.

## 1.2 Valor histórico do objeto de estudo

*“ [...] nada é mais representativo do solar do que um eixo central constituído pela porta, pelo balcão e janela principal, tendo por cima o brasão de família, eixo este onde a decoração se afirma exuberantemente e corta, assim como a utilização de pilastras nas zonas laterais, a horizontalidade básica dos edifícios.[...]”<sup>5</sup>*

A primeira implantação deste edifício, remota ao séc. XIV – ano 1387, que é descrita na literatura pela autora MONTEIRO<sup>6</sup>. No entanto, na observação no terreno conclui-se que estamos perante um edifício que sofre de vários momentos de construção.

A presença do edifício atual, constitui na realidade uma ampliação da construção inicial, a qual não é possível encontrar documentos que nos indiquem e comprovem a data desta ampliação. É então necessária, uma análise aprofundada ao edifício, respeitando os diversos aspetos a ter em conta, tais como, a composição, a ornamentação e a organização do edifício.

O edifício, Casa de Alvelo, como descrito no ponto anterior deste trabalho, apresenta uma organização de planta quadrada com pátio interior, uma composição da fachada principal simétrica e ritmada, com entrada ao centro. Descreve pouca ornamentação nos exteriores, salvo as pilastras nas extremidades. Estas características de construção revelam um edifício de estilo arquitetónico de transição, Renascentista e Barroco, permitindo-nos, aproximar da data de construção início do séc. XVII.

---

<sup>5</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa, p.13.

<sup>6</sup> MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses.

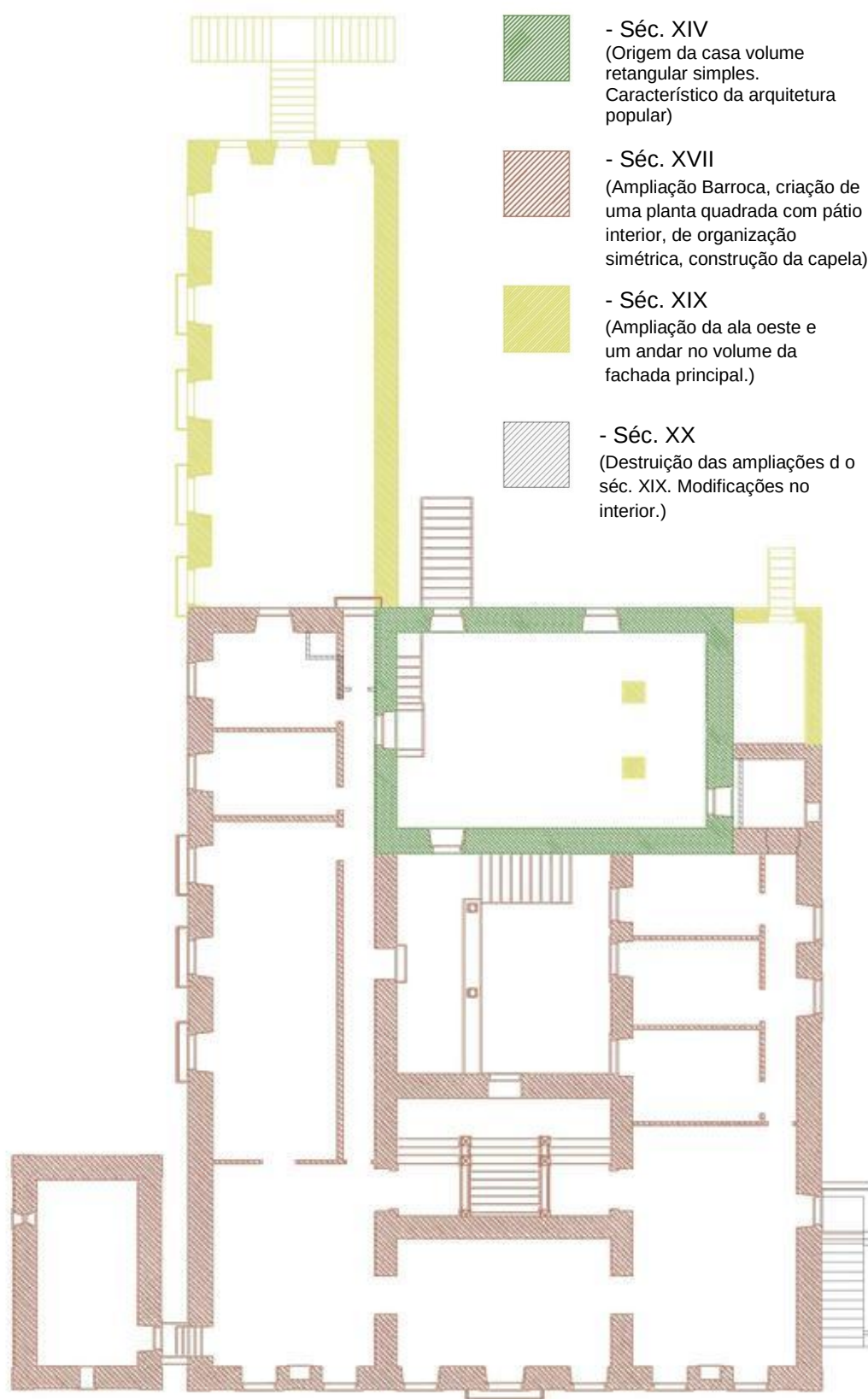


Figura 4 - Planta de caracterização histórica casa de Alvelo



Através das fotografias ao exterior do edifício fornecidas por uma familiar dos proprietários da casa, é possível observar, que este edifício sofrera obras de ampliação no século XIX (ver fig.5 e fig.6).

No século XX, foram destruídas estas últimas ampliações do século XIX, e outras notórias alterações no interior, como as lajes cimentadas, paredes em tijolo, bem como tijoleiras e carpetes industriais nos pavimentos. (ver ANEXO e ANEXO B)

Neste sentido, é fundamental compreender a evolução da Casa de Alvelo, na qual é necessário criar uma cronologia das alterações a esta estrutura (ver ANEXO C) de forma a analisar o crescimento desta construção, nos séculos XVII, XIX e XX. (ver fig.4)

Na tentativa de encontrar primeira implantação do séc. XIV mencionada pela autora MONTEIRO E.<sup>7</sup>, é necessário observar e decompor o edifício. O volume da cozinha contém indícios que marcam diferença de modos de construção, tais como, a falta de cantarias e de cornija e ainda, pelo desenho do alçado sem métrica ou ritmo. Neste levantamento é possível notar uma diferença de espessura das paredes, sendo no volume da cozinha uma espessura de 80 cm e no resto do edifício 70 cm, podendo assim questionar se esta habitação começou por ser uma construção vernacular de volumetria retangular com aproximadamente cem metros quadrados, com o piso térreo para dependências agrícolas como cortes de animais e loja, e no primeiro andar os quartos, sala e a cozinha.

O edifício transmite diferentes usos e alterações ao longo dos tempos, pois de acordo com os autores Antunes. A. [et al]<sup>8</sup>, no caso do proprietário ser agricultor e ser rico. A “casa de lavoura” ganha ampliações e modificações implicadas pelas necessidades.

Ainda os mesmos autores, referem a existência de diversos exemplos de solares, que se assemelham a construções populares, pois estes partilham as mesmas funções mas, adquirem ornamentação. A arquitetura das casas nobres possui de um desenvolvimento fantástico, que podemos atribuir a dois fatores: “[...] *Jou porque o fidalgo desta época, à falta das ocupações tradicionais de guerra e da comissão no oriente, terá de voltar-se para as propriedades, ou porque os dinheiros, arrecadados nalguma empresa do Brasil, lhe permitem abalançar-se ao empreendimento de melhorar, acrescentar ou soerguer a sua casa [...]*”<sup>9</sup>. Sendo que as estruturas quinhentistas aparência militar, se acrescentam de exuberância barroca.

---

<sup>7</sup> MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses.

<sup>8</sup> ANTUNES, A. [et al] 1998. *Arquitetura Popular em Portugal – zona 1: Minho e Zona 2: Trás dos Montes*, 3ªed, Associação dos Arquitectos, Lisboa.

<sup>9</sup> ANTUNES, A. [et al] 1998. *Arquitetura Popular em Portugal – zona 1: Minho e Zona 2: Trás dos Montes*, 3ªed, Associação dos Arquitectos, Lisboa, p. 27



Figura 5 - Alçado Sul casa de Alvelo, fotografia início séc. XX



Figura 6 - Alçado Oeste casa de Alvelo, fotografia início séc. XX

Relativamente às modificações a que foi sujeita a casa primitiva da Casa de Alvelo, a primeira alteração, consta de uma ampliação que define a estrutura do edifício atual, e a construção da capela, dizendo respeito a uma construção no séc. XVII. Outra alteração ocorre após dois séculos, no séc. XIX a qual baseia-se numa ampliação da ala oeste e a ampliação de mais um andar no volume da fachada principal. (fig.- 5 e 6). Por último, as alterações do séc. XX são constituídas pela demolição das obras da anterior ampliação do séc. XIX e a transformação da loja em quartos no piso térreo da ala oeste (Ver ANEXO A).

Estas são as alterações que moldaram este edifício ao longo dos tempos e com as quais podemos ter registo. A autora Stoop A. em 1993<sup>10</sup> refere, que estas alterações e aumentos devem-se ao acolhimento de sucessivas gerações, tendo sido modificadas pelas necessidades e as disponibilidades económicas dessa mesma altura.

De acordo com a mesma autora, as casas nobres portuguesas do norte do país eram verdadeiras “células económicas autónomas”, com funções bem estabelecidas, e desta forma, a casa do “*senhor da região*” e da sua família, situava-se no centro das terras que era proprietário. Através da planta de enquadramento da Casa de Alvelo (ANEXO A), é visível que a propriedade da Quinta de Alvelo possui uma área aproximada de 5000m<sup>2</sup> e a casa está implantada ao centro da propriedade.

No que concerne à organização do espaço residencial, “*No interior existe um único andar- andar nobre, no qual certas salas são baixas, cobertas simplesmente por um teto revestido de grandes tábuas*”<sup>11</sup>, salões que na maioria dos casos comunicavam com o átrio principal e as salas de jantar, com tetos pintados ou de madeira esculpida, que mais tarde exibiam estuque onde expunham as armas familiares. No caso específico da Casa de Alvelo, como visto na figura 2, os salões nobres comunicam com o átrio de entrada e com a sala de jantar, sendo esta última com teto em madeira e no átrio de entrada apreciam-se os tetos em estuque. (ver ANEXO B)

Aos quartos e alcovas que não lhe eram dispostas janelas para o exterior, eram criadas aberturas para o interior, geralmente para uma sala, pois relativamente “*as conceções de higiene na altura não era aconselhável instalar uma janela no local onde se dormia.*”<sup>12</sup> No objeto de estudo encontramos uma disposição dos quartos com aberturas para o pátio central que evidenciam a procura pela privacidade ou preocupações de higiene.

---

<sup>10</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 11

<sup>12</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto, p.13



Figura 7 – Capela da casa de Alvelo

Outra das características da casa nobre, segundo a mesma autora<sup>13</sup> é a presença de um jardim monumental e de abertura para a natureza, sendo esta uma característica muito particular dos jardins da casa nobre do Norte do País, que em geral, situava-se numa eira próxima das instalações agrícolas.

No caso estudado O jardim encontra-se próximo a casa principal implantado numa cota superior. Este possui um carácter bucólico, composto por uma fonte esculpida, uma mina de água com Brazão e um pequeno lago no centro do jardim com uma ponte. (ANEXO B) As dependências agrícolas encontram-se a 100 metros da Casa numa cota inferior compreendendo a casa do caseiro, o palheiro e cortes de animais.

Para além do jardim, espaço residencial e do espaço para as dependências agrícolas, a casa de Alvelo possui uma capela. A autora<sup>14</sup>, define esta estrutura adjacente às casas senhoriais como um espaço que desempenhava funções específicas, servindo de lugar para celebrações e de intenções bem precisas para orações, que ligadas ao Cristianismo e o Concílio de Trento, a autora diz existir ligações entre os “vivos e mortos” - “[...] a perpetuidade é na verdade primordial, porquanto o encadeamento de gerações que se sucedem une vivos e mortos... aos primeiros compete rezar pelos defuntos e estes, por seu turno, protegem todos os que ainda se conservam sobre a terra”<sup>15</sup>. Estas capelas tinham acesso comunitário, com porta aberta para a rua, sendo essa uma das condições para a sua construção. Esta e outras condições obedeciam a um regulamento próprio e eram regularmente supervisionadas por um eclesiástico. Da capela de Alvelo sabemos ainda, através da autora Monteiro E.<sup>16</sup>, que esta em 1758, era regida pelo reverendo Domingos de Melo.

Em conclusão, e abordando a temática da linhagem familiar. Stoop A.<sup>17</sup> escreve que, numa perspectiva de legado da casa nobre, esta propriedade é um bem irrepartível e perpétuo, que geralmente era herdado pelo filho mais velho designando-se este por “morgado”, ou no caso de existir uma fundação de bens para a conservação da capela é denominado por “vínculo”. Estes dois últimos segundo atas notariais “[...] não podem desaparecer em momento algum do mundo”<sup>18</sup>. No momento da sucessão da casa ao longo dos séculos eram necessárias determinadas condições para os futuros administradores, uma destas seria a regra de progeneritura, na falta de rapazes seriam as raparigas, depois os filhos legitimados e de seguida outros membros de qualquer das partes.

<sup>13</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto.

<sup>14</sup> *Idem*

<sup>15</sup> *Idem*, p. 12

<sup>16</sup> MONTEIRO, E (2009), *Vila Boa do Bispo 09*. 1ª Ed. Junta de Freguesia de Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses

<sup>17</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto

<sup>18</sup> *Idem*, p.11



Figura. 8 - Salão nobre ala Oeste casa de Alvelo

Neste caso o titular da casa, o morgado, como administrador do património utiliza o nome patronímico, assim como, as armas familiares, encontradas sob a forma de pedras armoriadas relacionadas com as cartas de brasão que confirmam a nobreza. Estas últimas referem-se ao “[...] *testemunho não só da posição do senhor em relação a uma descendência, mas igualmente de um estatuto social com prerrogativas fiscais, civis e militares a ele ligadas*”<sup>19</sup>. Numa abordagem a heráldica da Casa de Alvelo, o autor SANHUDO A.<sup>20</sup>, escreve que esta casa tem duas pedras de armas relativas à família que a fundara. Por último, a autora MONTEIRO E.<sup>21</sup>, faz-nos a descrição da linhagem familiar dos proprietários desta casa que se revela de pouca importância para este estudo.

### 1.3 Caracterização histórica da casa nobre do Norte de Portugal

Numa primeira parte, a investigação realizada sobre a casa nobre revelou-se difícil chegar a um consenso quanto à sua definição pelas obras consultadas. Torna-se então, necessário nesta parte, analisar algumas destas designações, como expõe AZEREDO F.<sup>22</sup>, dependendo das suas características, bem como, por quem as habitava, a casa senhorial portuguesa pode ser classificada em: “ [...] *Palácio, Quando residências dos reis, ou as suas dimensões justificam este apelativo, Paço ou Paços, também quando residência de reis, infantes e Bispos ou ainda quando o rei nelas pernoitou alguma vez, Solar, quando nela tem origem alguma família, Quinta, quando as suas terras são cercadas por muros, Torre, quando nela existe uma ou a teve na sua origem, Casal, quando as suas terras são limitadas por marcos e quando teve origem num empraçamento que tinha este nome. Casa, é o nome mais genérico e que só se aplica a uma, num determinado lugar onde há outras, aquela onde vive a família nobre, Casas do Mosteiro, na extinção de ordens religiosas, os conventos surgem como casas senhoriais, sendo respetivamente denominadas de casa de mosteiro, quando passaram a ser residência de uma determinada família.*”

Em concordância, no entanto num sentido mais generalista, outros autores como CARVALHO E MORAIS, definem o conceito de casa nobre como sendo “*o solar é uma construção arquitetónica mais ou menos importante, residência principal onde, em princípio, os senhores de uma propriedade habitavam*”<sup>23</sup>.

<sup>19</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto p. 12

<sup>20</sup> SANHUDO, A (1992-1993) “Heráldica Marcoense”

<sup>21</sup> MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses

<sup>22</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut, pp. 11 e 12.

<sup>23</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa, p. 6.



Figura. 9 - Sala de jantar casa de Alvelo

Esta designação, de Solar segundo estes autores, é particularmente usada no norte de Portugal e que só futuramente aparecerá associada a atitudes revivalistas no Sul. Nesta perspetiva, os autores explicam que esta propriedade normalmente, e de acordo com a vontade dos proprietários, situava-se no centro das suas terras ou então junto às estradas para que a venda dos produtos agrícolas se torna mais simples ou para aclamar o seu estatuto social e a sua fortuna. A “*Casa real*” é outro termo utilizado para estas casas, desde o aparecimento das famílias nobres e dos palácios reais. As famílias nobres, principalmente do norte, ostentavam a sua nobreza através das pedras de armas na qual o brasão da família exuberante, era um componente decorativo essencial dos solares.

Podemos assim concluir e definir as casas nobres como sendo estruturas de habitação mais ou menos luxuosa em que nelas reside uma família nobre, com poder económico e social.

Numa visão cronológica, a origem dos solares remontam os tempos onde surgiu a primeira dinastia de reis, aquando do Condado Portucalense, sendo o território de Portugal limitado por uma faixa a noroeste. As torres de menagem dos castelos serviram de alicerce às novas casas nobres que emergiam.

AZEREDO F. em 1986<sup>24</sup> refere que, no séc. XII a história destas casas foi marcada pela aquisição da autonomia portuguesa dos reinos espanhóis de Galiza, Leão e Castela, no término do Feudalismo em Portugal. As famílias nobres agora ao serviço do rei de Portugal, tinham na sua posse Casas Nobres fortificadas, pela presença de uma Torre, sendo agora sujeitas a cumprir a legislação do reino, tendo sido deliberado pelo Rei a demolição destas Torres por não haver fundamento das casas do reino serem fortalecidas. Só a partir do séc. XIV, em forma de recompensa, o rei D. João I permitiu que fossem construídas as casas nobres, após os vastos domínios territoriais, pela ambição de alguns senhores nobres.

CARVALHO M. E MORAIS P.<sup>25</sup> acrescentam, em 1987, que estes solares simples, torres quadrangulares sobre os muros e com poucas aberturas, destinavam-se a servirem de fortaleza e de casa de habitação. Geralmente, estas torres possuíam vários pisos, sendo o acesso através de uma escada de madeira basculante, retirada em situações de emergência e que tinham na sua constituição dois ou três pavimentos em soalho e apenas uma sala sem divisões. Estas torres foram modificadas no que diz respeito à sua utilidade, servindo tempos seguintes como prova da nobreza do proprietário ou como um “*ex-libris de fidalguia*”. A estas utilidades foram adicionadas vários elementos decorativos, como o exemplo no séc XV, da ornamentação gótica.

<sup>24</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut

<sup>25</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa



Figura 10- Torre de Gomariz

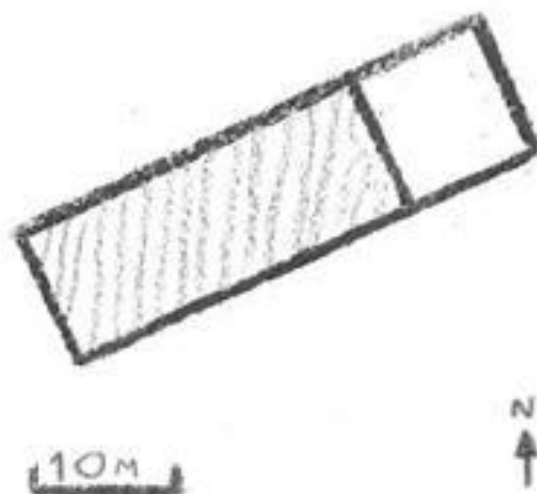


Figura 11- Solares dos Távoras

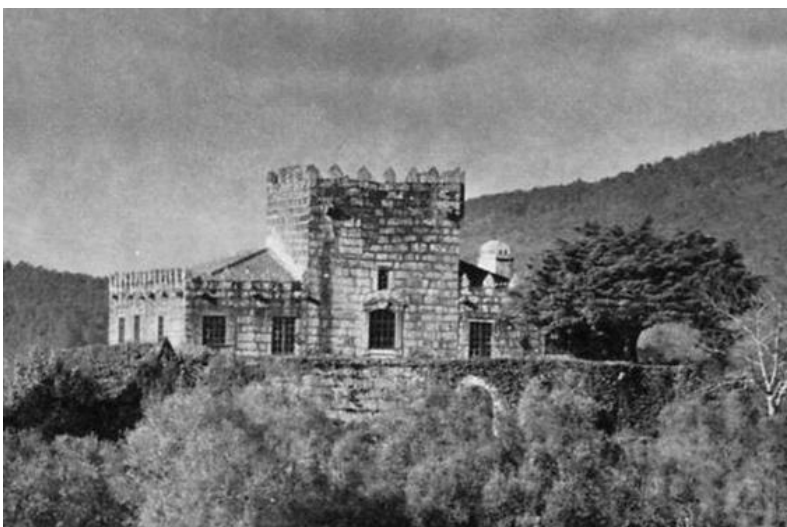
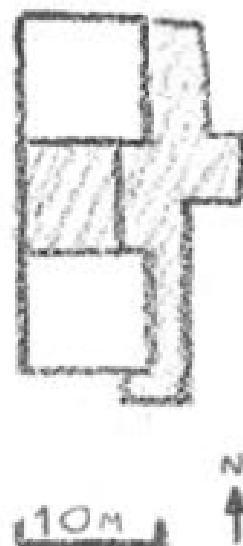
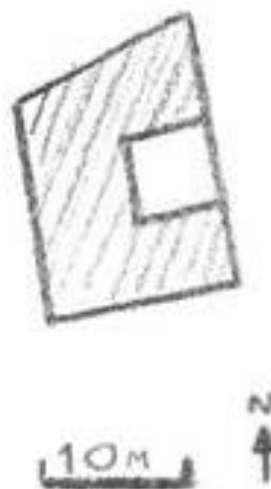


Figura 12 - Paço do Curutelo



AZEREDO F.<sup>26</sup> mostra que, no que se refere à arquitetura das casas senhoriais anteriores ao séc. XV, estas tinham dimensões reduzidas, fazendo distinção de outras casas populares, pela exclusividade de para além do andar térreo, possuírem um outro, denominado de andar nobre, sem qualquer ornamentação de cantaria e reboco, características que se mantiveram nos séculos seguintes. Este andar nobre também era intitulado de torre, razão pela qual algumas casas senhoriais, que não tinham qualquer Torre na sua constituição, eram apelidadas desta forma. No que diz respeito ao acesso ao andar, este fazia-se da seguinte forma: através de uma escada exterior ou se a casa estivesse implantada numa encosta, o acesso seria feito pelo lado oposto. As janelas, geralmente três na fachada principal, não tinham caixilharia envidraçada e as paredes eram em cantaria ou perpeanho dobrado, havendo ainda exemplos de serem em alvenaria, sendo a cobertura em telha ou em colmo.

A simplicidade destas construções estava de acordo com o estilo de vida destes nobres, muitos deles condes e homens ricos, mas que se ocupavam da agricultura, prática considerada nobre.

Segundo CARVALHO M. E MORAIS P., em 1987<sup>27</sup>, ao longo dos séculos, a torre que servia de habitação ao senhor, foi perdendo esta função, sendo desenvolvidas alas residenciais e de serviço à volta da mesma. A partir das características dos solares, segundo estes autores, podem ser definidos três diferentes exemplares:

Sendo o primeiro, a Torre adossada a um corpo residencial retangular, à base de materiais como a madeira, sendo numa época posterior, em alvenaria e cantaria. Como exemplo deste tipo, a Torre de Gomariz. (fig.10)

Em segundo, o corpo residencial com fachada principal e pátio interior entre duas torres. Manteve-se este tipo de solares para além da Idade Média até ao séc. XVIII, com introdução de janelas de canto, com mainel estriado e introdução de elementos renascentistas. Como exemplos, os solares dos Távoras (fig.11) em Souropires.

Por fim em terceiro, a Torre no centro da casa, sendo posteriormente a partir de uma torre medieval a formação de dois corpos residenciais típicos barrocos. Como exemplo Paço do Curutelo (fig.12)

---

<sup>26</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut

<sup>27</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa



Figura 13 - Casa de Mateus



Figura 14 - Castelo de Alvito

A implementação das artes pelo rei D. Manuel I marcou o século XV com alterações nos solares portugueses. É neste período que se observa o aparecimento de solares na zona do Alentejo, excelentes exemplos do estilo *manuelino*. Um exemplo da transição do gótico para o manuelino é a Torre das Águias, com novos conceitos de conforto: *“Com uma planta quadrangular e volumetricamente piramidal, quatro andares bem separados por abóbadas de nervuras, o enorme número de janelas, bem como as suas dez chaminés de aquecimento, mostra bem como já se está longe das torres românicas do Norte.”*<sup>28</sup>

No Norte do país embora existissem alterações ao nível de conforto, o aparecimento de janelas e portais do estilo Manuelino, são nesta altura assinalados tempos de inércia, que duraram até ao período barroco. É nesta região, que a transição do gótico para barroco é, como expõe o autor: *“[...]muito repentina, existindo muito pouca arquitetura intermédia, quer renascença quer maneirista”*.<sup>29</sup>

AZEREDO F.<sup>30</sup> completa, quando afirma que a influência dos descobrimentos e da expansão ultramarina no séc. XVI e XVII, marcaram a arquitetura portuguesa no que se refere à habitação senhorial. O contato com outras civilizações, as relações comerciais com o Norte da Europa e com o Mediterrâneo, levaram a novas exigências, para além do conforto, como a arte à data emergente, resultando em espaços livres para varandas e terraços de ornamentação Manuelina e do Renascimento. São também introduzidos como elementos decorativos a torre e como representação da nobreza, o brasão em cantaria na fachada aliados à escadaria exterior.

Segundo os autores CARVALHO M. E MORAIS P. em 1987<sup>31</sup>, no século XVII existiu nas casas nobres, a introdução da planta em U de origem francesa, sendo esta também não muito usual no nosso país. O autor refere que foi concebida *“[...] na intenção para a teatralização da fachada, criando um forte efeito cenográfico, com o estabelecimento de uma continuidade espacial entre o interior e o exterior [...]”*<sup>32</sup> Adaptada para uma estrutura direcionada para o interior, pela arquitetura portuguesa desta época, destruiu-se a relação entre o espaço exterior/interior, criando uma planta fechada com a adoção de um muro com as armas da família. Sendo exemplos deste tipo de construção: o Palácio Galveias, em Lisboa, o Solar de Lanheses, na região de Ponte de Lima construído em meados do séc XVIII, e a Casa de Mateus (ver fig.14), em Vila Real, solar de grande importância do Norte e talvez de todo o país, resultante de um combinando entre a planta quadrada e a planta em U, utilizando ornatos de granito contra as paredes caiadas.

<sup>28</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa p. 9.

<sup>29</sup> Idem, p. 9

<sup>30</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut.

<sup>31</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa

<sup>32</sup> Idem, p. 11

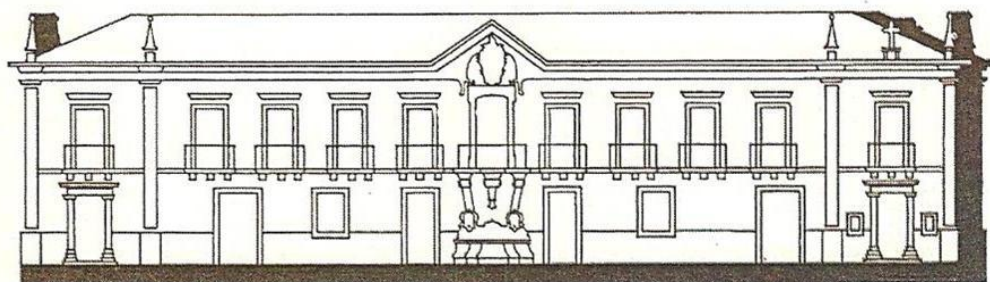


Figura 15- Casa da rede

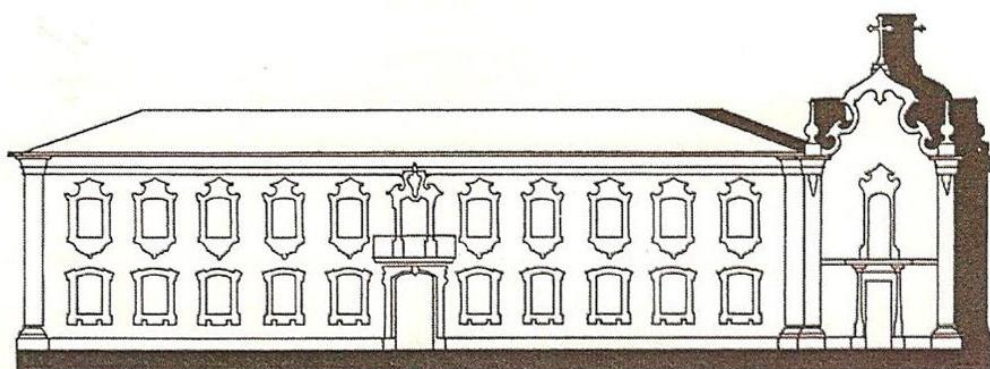


Figura 16 - Casa da Fidalga

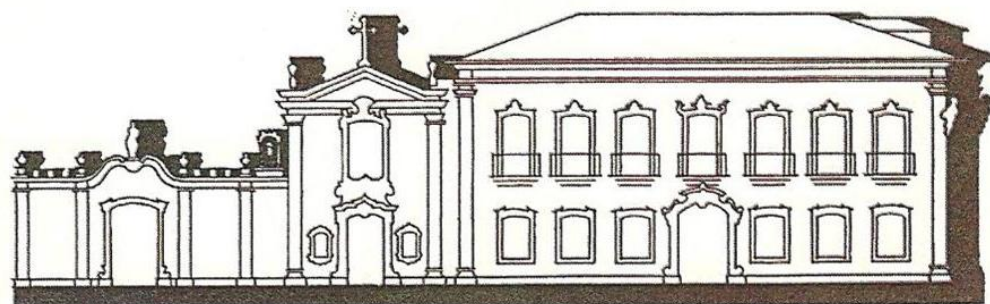


Figura 17- Casa do Benfeito

È também de notar “[...]um novo movimento ondulante na fachada [...]”<sup>33</sup>, com a colocação, numa forma geral, de pedras de armas familiar que coroa a casa, cuja altura por vezes ultrapassa o topo da fachada. Em meados do séc. XVII, dá-se a transformação dos azulejos usados na ornamentação das casas. Os painéis são apenas em cor azul e branco, utilizando uma vasta escala cromática de azul. Numa fase de expansões e alargamento de fronteiras, foi introduzido em Portugal uma nova arte ao qual, nobres e burgueses portugueses reformularam os seus paços e solares, tendo o rei construído alguns Palácios de raiz. De influência árabe, a arte mudéjar foi inserida em Portugal embora com pouca importância em relação à Península Ibérica, a esta se refere o autor – “Espalhados por todo Alentejo, surgem edifícios como o Castelo de Alvito, com as suas quatro torres redondas nos ângulos e uma quadrada no pátio, com arcadas a toda a volta [...] apresentando janelas maineladas com arcos duplos de ferradura, feitos de tijolo.”<sup>34</sup>

O uso de elementos decorativos geométricos em talha mourisca, tetos em alfarge e pequenas janelas de dois arcos marcados por uma coluna central, o *mudejarismo* substitui a cantaria pelo uso de tijolo.

No pós-manuelino ainda no princípio do séc. XVII, emerge em Portugal o Renascimento Surgido na Itália, este também marca a tipologia da casa nobre. Com a influência da chegada a França e Espanha, em Portugal começaram a surgir novos exemplos de solares e palácios com novas vertentes decorativas, como janelas em cantos, aplicando-lhes medalhões nas fachadas, candelas entre outros. A intervenção espanhola da escultura da pedra, veio trazer uma nova forma de trabalhar denominada de *plateresco*.

AZEREDO F. em 1986<sup>35</sup> escreve, que no século XVIII, assistiu-se ao desenvolvimento das fachadas principais e ao aparecimento de cantaria nas portas e janelas, e de frontões para exibir o brasão que enriquecera a sua decoração. As cozinhas e salas eram amplas e os quartos de dormir, pequenas alcovas, de aberturas para o interior das salas, apenas com espaço para uma cama.

CARVALHO M. E MORAIS P. em 1987<sup>36</sup>, acrescentam que, no século XVIII observa-se um grande poder criativo no que diz respeito à adaptação de solares portugueses construídos em períodos anteriores. É nos anos 40 deste século que o solar barroco se impõe no Norte. Ligado essencialmente à região do Douro, no surgimento da exploração

---

<sup>33</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa p.11

<sup>34</sup> *Idem* p. 9

<sup>35</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut.

<sup>36</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa



Figura 18 - Obras do fidalgo



Figura 19 - Casa dos Arcos



Figura 20 - Casa Grande

vinícola, o edifício “*raramente é uma construção em profundidade*”<sup>37</sup>, Envolve um único plano, “*a casa comprida*” denominação desta construção de um outro autor Francisco Azeredo. O exemplo que seria mais imponente situa-se em Marco de Canaveses, Obras do Fidalgo (fig.19) que está incompleta. Neste plano seria integrado outro elemento, a capela com as seguintes variantes:

- 1) Capela num dos extremos sem ultrapassar a altura dos telhados e limitando-se à mesma cornija (Casa da Rede) (fig.15)
- 2) Capela a um lado rompendo a cornija, (Casas da fidalga) (fig.16)
- 3) Capela ao centro, entre o solar e um muro imponente que fecha um jardim ou pátio (Casa do Benfeito). (fig.17)

A torre como elemento arquitetónico simbólico, foi acrescentada a casas que não a tinham. Era comum o aparecimento da torre adossada a um corpo principal ou duas torres ladeando um corpo central.

Por fim, AZEREDO F. escreve que, no séc. XIX, com as invasões napoleónicas e com uma maior ligação à Europa, “[...] *existiu uma transformação radical na arquitetura*”<sup>38</sup>. É neste século que surge o neoclássico, bem como outras formas que modificaram as casas senhoriais portuguesas e algumas das características anteriores que lhe eram próprias, foram substituídas por outras semelhantes aos castelos da Europa.

#### 1.4 Breve descrição dos exemplos de casas nobres no Marco de Canaveses

No concelho de Marco de Canaveses, segundo autor SILVA J. na obra *Marco de Canaveses: um olhar sobre o património*<sup>39</sup>, existem dezenas de habitações solarengas, sendo estas maioritariamente brasonadas. Como exemplos mais antigos, temos a Casa dos Arcos (fig. 19) na freguesia de Rio de Galinhas e a Torre de Novões na freguesia de Tabuado, sendo estas construções referentes ao séc. XVI. Outros exemplares relativamente mais recentes referem-se ao séc. XVII.

De acordo com o número de pisos, de uma forma geral estas casas possuem dois pisos, havendo porém exemplos de duas casas, Casa de Regoufe, na freguesia de Carvalhosa e Banho e a Casa Grande (fig.20) na freguesia de Manhuncelos que contém três pisos.

<sup>37</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa, p.10

<sup>38</sup> AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut p.11

<sup>39</sup> SILVA, J (2000), *Marco de Canaveses: Um olhar sobre o património* Vol. I da Pré – História à Época Medieval, Marco de Canaveses



Figura 21 - Casa da Quintã



Figura 22 - Casa do Ribeiro



Figura 23 - Casa da Ribeira

No que diz respeito à fachada nobre, esta pode apresentar-se voltada para o exterior, como uma representação de soberania da família que a habitava, ou então, voltada para o interior, por razões de privacidade ou como opção de conforto, na aquisição de uma ligação privilegiada a um pátio, acompanhado por dois ou mais edifícios. A construção da casa nobre é de certa forma, o conjunto da habitação do senhor, da sua família e às respetivas dependências agrícolas, sendo disposto o primeiro piso para o “andar nobre”, onde o senhor da casa reside e no rés-do-chão as necessidades ou dependências agrícolas.

O acesso a este “andar nobre”, era por vezes direto através da escada exterior, como os exemplos neste concelho, a Casa da Quintã em Soalhães (fig.21), Casa de Carrapatelo em Penhalonga. A autora STOOP. considera a escada exterior um “[...] *meio simples de circulação que pouco a pouco se converte numa componente indispensável de prestígio social*”<sup>40</sup>. A escada interior também aparece em outros casos, tal como acontece na Casa de Alvelo, esta antecederia de um pequeno átrio decorado. Um outro elemento importante, que nem sempre presente era a Torre. Com no exemplo Casa de Vila Boa na freguesia de Vila Boa de Quires (fig.24) e o Solar do Ribeiro em Toutosa (fig.22), sendo este um elemento opoente de posse dos senhores das Casas Nobres, as quais, algumas delas foram construídas, remodeladas ou até reconstruídas, ao longo de todos os séculos, mas, a autora <sup>41</sup> refere, o séc. XIX como o momento que culminante das suas construções.

Anexas a estas casas encontram-se por vezes as capelas particulares, como por exemplo a Casa da Ribeira em Sobretâmega (fig-23), ou integrada no edifício habitacional, o exemplo do Solar do Ribeiro em Toutosa, ou ainda por vezes, nas imediações como é o caso da Casa de Santiago em Tabuado.

Em relação à escolha das técnicas construtivas é de notar alguma uniformidade. Em geral, o material usado era pedra de granito de grandes proporções e bem trabalhado nas partes proeminentes que iriam estar sem reboco, ou seja, em cantarias, mas menos cuidado nas restantes partes.

---

<sup>40</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto p. 13

<sup>41</sup> *Idem*



Figura 24 - Casa de Vila Boa



Figura 25 - Capela da Lavandeira



Figura 26 - Casa da lavandeira



Figura 27 - Casa de Cavaleõesinhos

No exterior, recorre-se a duas distintas opções: o uso do reboco e pintura branca ou em pedra a vista. No caso do concelho Marco de Canaveses, encontramos como exemplos em a pedra a vista, a Casa dos Arcos e a Casa de Vila Boa em Vila Boa de Quires (fig. 24), ou ainda pintadas em tom de ocre avermelhado ou acastanhado, a Casa da Lavandeira em Vila Boa do Bispo (fig.25e26). Outras características comuns entre as Casas Nobres são os elementos estruturais das construções, as paredes eram duplas e de grande espessura. O pavimento do rés-do-chão era em mármore ou em sobrados e o dos pisos superiores em soalho. No que diz respeito aos tetos, apresentavam-se em madeira “gamela” ou estuque.

Relativamente ao brasão, diz CARVALHO M. E MORAIS P., em 1987<sup>42</sup>, é de interesse sobretudo heráldico e importante para estudo do poder e das relações das famílias que habitavam estas casas no séc. XVI ao séc. XIX. Estas pedras de armas, nas casas solarengas apresentavam-se em locais diferentes: no centro da fachada principal, o Solar dos Mourões na cidade do Marco de Canaveses; nos cunhais, a Casa de Cavaleiros, em Vila Boa do Bispo (fig.27); nas paredes da fachada principal, a Casa dos Arcos; nas paredes do tanque, Casa do Outeiro em Tuíás (fig.28). Geralmente os brasões são esculpidos em granito, mas existiram outros materiais que lhe deram forma, como o calcário, a Casa de Ambrães, Tuíás (fig.29) ou, em metal, a Casa de Soutelo, em Constance (fig.30) <sup>43</sup>.

Estes exemplos mostram a diversidade das Casas Nobres no Marco de Canaveses, indicando uma maior incidência de construção no período barroco, mesmo sendo algumas destas construções mais antigas, estas favorecem uma comparação com o objeto em estudo, ilustrando as fases de construção ou ainda os seus usos. Também é importante, o reconhecimento dos elementos decorativos barrocos, como: o portão brasonado da Casa Grande em Manhuncelos, entradas para minas de água e as “alminhas” da Casa do Casal Vila Boa do Bispo, estes são elementos recorrentes na maioria destes exemplos.

Neste sentido, STOOP A. revela que, as casas nobres têm funções verdadeiramente essenciais, sendo desenvolvidas principalmente para permitir favoravelmente a exploração agrícola, certificando-se de “[...] *todas as atividades que uma vida em autarquia engendra e alojar o senhor com a sua família muitas vezes numerosa.*”<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa

<sup>43</sup> in SILVA, J (2000), *Marco de Canaveses: Um olhar sobre o património* Vol. I da Pré –História à Época Medieval, Marco de Canaveses p. 28 e 29

<sup>44</sup> STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto p. 12



Figura 28 - Casa do Outeiro



Figura 29 - Casa de Ambrões



Figura 30 - Casa de Soutelo

Certos aumentos e evoluções nestas casas não obedecem a configurações precisas, por razões por vezes técnicas, económicas e práticas em que os planos de construção submetem-se aos movimentos do terreno e não o contrário. Os construtores de um modo geral, eram mestres-de obras ou mestres pedreiros que atentos aos costumes locais e tradicionais eram também influenciados por outros artistas.



## Capítulo 2

### Problemática do Restauro



## 2.1.- O conceito do restauro e a ambiguidade da definição na atuação no pré-existente

Segundo a autora LAMBERINI, D., “o restauro arquitetónico é uma operação cultural, que tem por objetivo manter a eficácia, facilitar a leitura e transmitir ao futuro, os bens arquitetónicos herdados no passado”<sup>45</sup>. Esta autora explica que atualmente o restauro deve ser assente num desígnio mais conservativo e não apenas como uma intervenção meramente técnica ou económica, com a expectativa que haja uma consciencialização por parte dos profissionais, que determine a diferença de outras vulgares operações de recuperação e de reutilização do património pré-existente. Segundo a mesma, “são falsos sinónimos de restauro os termos: reutilização, recuperação e reabilitação, usados no quotidiano indiscriminadamente ou por mascararem operações de fachada, quase sempre com fins especulativos”<sup>46</sup>. O restauro é uma disciplina que passa por um estudo, num primeiro momento, da história e da crítica do lugar a intervir, utilizando numa fase posterior o conhecimento técnico do presente, dando um seguimento histórico entre o passado e futuro.

No sentido de apurar as diferentes nomenclaturas para os tipos de ação no pré-existente, e de forma a correlacionar o conceito de restauro com os seguintes conceitos de Conservação, Reabilitação, Reconstrução, Renovação, aplicados à construção, pode-se encontrar as seguintes definições na análise à *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada de 1995*, que visam a aplicação de contributo inovador para a preservação e vivificação do património cultural das cidades. Este documento revela-se importante nesta análise ao restauro, embora este seja ligado a uma visão urbana, é importante a sua análise pois foi responsável pela criação de uma linguagem comum e o estabelecimento de princípios para intervenções ligadas ao património. O património edificado, na cidade ou na ruralidade, esteja ele classificado ou em vias de classificação, deverá ter uma intervenção específica e uniforme.

A definição de conservação quando aplicada a um edifício, surge neste documento no artigo nº1 na alínea i) como o “conjunto de medidas destinadas a salvaguardar e a prevenir a degradação de um edifício, que incluem a realização das obras de manutenção necessárias ao correto funcionamento de todas as partes e elementos de um edifício”<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> LAMBERINI, D. 2000. *Restauro Arquitetónico e Pesquisa Histórica*, retirada da obra, Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e Conservação, Alverca, GeCoRPA, p. 69

<sup>46</sup> *Idem*

<sup>47</sup> Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada. 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de Outubro de 1995 in IGESPAR [em linha] p. 2

A reabilitação de um edifício, presente no artigo nº1 alínea e), é considerada como: *“Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos actuais níveis de exigência.”*<sup>48</sup>

Os conceitos de reconstrução e renovação de um edifício, surgem no mesmo artigo nº1, alínea g), sendo o primeiro determinado como: *“Qualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma instalação existente, no local de implantação ocupado por esta e mantendo, nos aspectos essenciais a traça original”*<sup>49</sup> e o segundo, na alínea h), é determinado por: *“Qualquer obra que consista em realizar de novo e totalmente um edifício num local anteriormente construído.”*<sup>50</sup>

Perante estes conceitos, ainda a Carta de Lisboa de 1995, no artigo nº1 alínea f), define o restauro de um edifício, como os *“obras especializadas, que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua concepção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história.”*<sup>51</sup>

Podendo assim dizer que a reabilitação, reconstrução e renovação representam as reais ações na intervenção nos edifícios pré-existentes, o conceito de restauro define o objetivo de conservar o objeto de arte, sem esquecer a sua razão funcional mas com respeito pela sua origem e esclarecem o cuidado obrigatório, com a memória sobre qual se intervém.

A Carta de Cracóvia de Outubro de 2000 na Polónia resultado da Conferência Internacional sobre a Conservação, descreve os princípios de orientação para a conservação e restauro do património cultural construído, numa visão de salvaguarda, de acordo e na mesma orientação da Carta de Veneza de 1964.

Segundo os princípios descritos na Carta de Cracóvia, a conservação do património construído, *“é executada de acordo com o “projecto de restauro”, que se inscreve numa estratégia para a sua conservação a longo prazo.[...] o “projecto de restauro” deverá basear-se num conjunto de opções técnicas apropriadas e ser elaborado segundo um processo cognitivo que integra a recolha de informações e a compreensão do edifício ou do sítio. Este processo pode incluir o estudo dos materiais tradicionais, ou novos, o*

---

<sup>48</sup> Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada. 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de Outubro de 1995 in IGESPAR [em linha] p. 2

<sup>49</sup> Idem, p. 2

<sup>50</sup> Idem, p.2

<sup>51</sup> Idem, p.2

*estudo estrutural, análises gráficas e dimensionais e a identificação dos significados histórico, artístico e sócio-cultural.*”<sup>52</sup>

Este documento refere como objetivo principal da conservação dos monumentos e dos edifícios com valor histórico, quer se localizem em meio urbano ou rural, “[...] *manter a sua autenticidade e integridade, incluindo os espaços interiores, o mobiliário e a decoração, de acordo com o seu aspecto original. Tal conservação requer um «projecto de restauro» apropriado, que defina os métodos e os objectivos. Em muitos casos, requer-se ainda um uso apropriado para os monumentos e edifícios com valor histórico, compatível com os seus espaços e o seu significado patrimonial. As obras em edifícios com valor histórico devem analisar e respeitar todas as fases construtivas pertencentes a períodos históricos distintos.*”<sup>53</sup>

O glossário SIRCHAL apresenta a definição de operação de restauro, como um *“restabelecimento integral, da matéria e da forma, de elementos arquitetónicos ou ornamentos deteriorados ou destruídos, onde restam traços incontestáveis de autenticidade.”*<sup>54</sup>

Após esta breve reflexão, na literatura encontram-se novas atitudes face à posição de arquiteto enquanto principal mentor do restauro, assunto que, no próximo ponto deste capítulo irei abordar com mais evidência.

## 2.2 - No restauro: os dois conceitos de intervenção

Na obra *“L’Allégorie Du Patrimoine”*, CHOAY F.<sup>55</sup>, escreve sobre os conceitos relacionados com o tema “restauro e conservação” em monumentos antigos, como também os seus impulsionadores e as suas primeiras manifestações. O restauro encontra-se paradoxalmente definido por duas doutrinas que se confrontam: uma intervencionista e outra a anti intervencionista.

Nestas duas doutrinas, antagónicas descritas nesta obra, surgem dois dos principais nomes, que defenderam com mais convicção e talento, do lado intervencionista, Violet-Le-Duc e do lado anti-intervencionista Ruskin.

---

<sup>52</sup> Carta de Cracóvia: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído [em linha] Cracóvia (Polónia), 26 de outubro de 2000 in IGESPAR [em linha] p. 2

<sup>53</sup> Idem, p.3

<sup>54</sup> «Dictionnaire multilingue de l'aménagement de l'espace», Henri-Jean Calsat, Conseil International de la langue française, Presses Universitaires de France, 1993. in Glossário SIRCHAL [em linha]

<sup>55</sup> CHOAY, F. 1992 . *L’Allégorie Du Patrimoine* , Editions du Seuil, Paris, pp. 110-135

Na visão intervencionista, em Inglaterra, surgiu o autor Gilbert Scott (1811-1878), que fora um homem de grande conhecimento na arquitetura medieval, defendendo, em nome da fidelidade histórica, uma posição corretiva. Em França, a doutrina e a prática do restauro intervencionista, foi dominada pela figura de Viollet-Le-Duc, sendo na realidade uma réplica mais radical da posição do seu precedente inglês.

O tributo de Viollet-Le-Duc que geralmente é reduzida à definição célebre do seu dicionário: *“Restaure un édifice, c’est le rétablir dans un état complet que peut n’avoir jamais existé à un moment donné”*<sup>56</sup>, é esta uma conceção idealista dos monumentos históricos, que se funde nas práticas do intervencionismo militante. Para o entendimento desta visão sobre o restauro, devemos relembrar e atender ao contexto intelectual da época e o estado de degradação que se encontra a maior parte dos monumentos em França. É também necessário relembrar os textos de Viollet-Le-Duc, que descrevem a diversidade dos edifícios religiosos do séc. XIII, não devendo ignorar as suas técnicas em obra, os seus métodos de inquérito/pesquisa *in situ*, o papel que ele atribui aos levantamentos fotográficos. Fundamentalmente, devemos interrogar-nos sobre o sentido real dos restauros “agressivos” de Viollet-Le-Duc.

Contrariamente às hipóteses de continuidade dadas por Ruskin e Morris em Inglaterra em mas em conformidade com a sua aproximação escultural da história, esta arquitetura surge para Viollet-Le-Duc como uma rutura, apresenta-se de tal forma num sistema único, em que os monumentos antigos são testemunhos dos sistemas históricos inválidos, *“Ils est irrémédiablement mort, ce passé que, selon Ruskin et Morris, il nous incombe de conserver vivant. La démarche de Viollet-Le-Duc restaurateur s’explique par ce constat de décès”*<sup>57</sup> Ainda o autor Choay sobre Viollet-Le-Duc afirma que, *“[...]Toutefois, la notion de structure le conduisait à retrouver, lorsqu’il entreprenait la restauration réelle d’édifices médiévaux, la même attitude idéalise qui avait présidé aux «restaurations» des monuments classiques dessinées par les antiquaires et que prolongeaient les «restitutions» de l’École des beaux-arts.”*<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Trad.- «Restaurar um edifício, é restabelece-lo num estado completo que pode nunca ter existido» in CHOAY, F. 1992. *L’Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p.120

<sup>57</sup> Trad.- «(.) está irremediavelmente morto o passado que, segundo Ruskin e Morris, que compete-nos conserva-lo vivo. A aproximação de Viollet-Le-Duc restaurador explica-se pelo constante desapontamento, na nostalgia do futuro e não a do passado.» in CHOAY, F. 1992. *L’Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p.121

<sup>58</sup> Trad.-«todavia, a noção do restauro real de edifícios medievais, é a mesma atitude idealista que havia sucedido ao restauro dos edifícios clássicos designados pelos antiquários e que prolongam as restituições da Escolas de Belas Artes.» in CHOAY, F. 1992. *L’Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p.121

A doutrina de Viollet-le-Duc, veio renovar a prática do restauro, na qual a ferramenta didática restitui ao objeto restaurado um valor histórico e não apenas pelo seu passado ou historicismo. Assim sendo, a fereza destas intervenções assentam recorrentemente nesta preocupação didática, onde o autor Choay. F. escreve no mesmo pensamento que para Viollet-Le-Duc- *“un édifice ne devient «historique» qu’à condition d’être perçu comme appartenant à la fois à deux mondes, l’un présent et immédiatement donné, l’autre passé et inappropriable”*<sup>59</sup>

Apesar da sua experiencia, Viollet-Le-Duc traz ele próprio a prova, como exemplo, o aviso que ele dirige aos inspetores diocesano em 1873: *“[...] Il serait pueril de reproduire [dans une restauration] une disposition éminemment vicieuse”*<sup>60</sup>. Tal julgamento de valor, põe ambas em questão, a noção de monumento histórico, que é cada vez mais uma abstração, e a noção de restauro, que não toma mais em consideração a autenticidade do objeto restaurado.

O anti intervencionismo radical, marcado pela presença de Ruskin, seguido por Morris, defende por sua vez, que consequência do restauro na sua concepção do monumento histórico, com se o trabalho das gerações passadas conferisse aos edifícios um carácter sagrado. Segundo Ruskin, a marca que o tempo imprime faz parte da sua essência. Já Morris desenvolve o tema do restauro, de acordo com o seu argumento pessoal, deixando em aberto a hipótese otimista de um possível revivalismo da arte antiga.

O desenvolvimento dos estudos históricos, permitiu a realização, pela primeira vez, de um carácter único e inigualável de todo o evento e de toda a obra que seja do passado. Como conclusão a autora CHOAY F. declara, *“il nous est interdit de toucher aux monuments du passé”*<sup>61</sup>, ao que se refere à atitude do autor Ruskin: *“Nous n’en avons pas le moindre droit. Ils ne nous appartiennent pas. Ils appartiennent en partie à ceux qui les ont édiés, en partie à le ensemble des générations humaines qui nous suivront[...],* ainda Choay confirma que , *“Toute intervention sur ces «requies» est un sacrilège”*<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> Trad.-«[...]Um edifício torna-se histórico se fizer parte de dois mundos, um presente e imediatamente fornecido, o outro passado e não apropriável». in CHOAY, F. 1992. *L'Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p.122

<sup>60</sup> Trad. - «Seria infantil reproduzir (num restauro) uma disposição eminentemente viciosa» in CHOAY, F. 1992. *L'Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p.122

<sup>61</sup> Trad. - «É proibido de tocar nos monumentos do passado», in CHOAY, F. 1992. *L'Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p. 119

<sup>62</sup> Trad. - «Nós não temos o mínimo direito. Eles não nos pertencem. Eles pertencem em parte, aos que os edificaram e em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguem (...) Toda intervenção sobre estas relíquias é um sacrilégio », in CHOAY, F. 1992. *L'Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p. 119

Na abordagem ao restauro por Ruskin na obra «*Lampe de mémoire*», posição que mais tarde é afirmada perante a imprensa inglesa, o significado do termo restauro é “[...] *la destruction la plus totale qu’un bâtiment puisse subir [...] la chose est un mensonge absolu. Le projet restaurateur est absurde. Restaure est impossible. Autant que redonner la vie à un mort.*”<sup>63</sup>.

Por sua vez, Morris denuncia a futilidade da reconstrução ou da cópia. Pois pressupõem que nos podemos reemergir no espírito dos tempos em que fora construído as obras para encarnar os seus autores. Para Ruskin e Morris, querer restaurar um objeto ou um edifício é apagar a autenticidade que consiste no mesmo. Para eles o destino de todo o monumento histórico seja a ruína e a degradação progressiva.

Estes dois autores do anti intervencionismo possuem realidades diferentes embora defendam a manutenção dos monumentos, admitindo uma consolidação da sua estrutura, na condição que seja de forma visível. Estas intransigências por parte autores são explicadas pela visão da arquitetura como arte, daí a afirmação de Ruskin de uma necessária “arquitetura histórica”, e na visão de Morris, um necessário revivalismo, na qual os monumentos antigos ao contrário dos objetos de museu, encontram-se no mesmo plano que os edifícios do presente, e desta forma poderão desenvolver o mesmo papel e reencontrar o mesmo destino.

Em 1893, Camilo Boito, formulou, em Milão, um método de restauro entre os dois extremos propostos por Ruskin e Viollet-Le-Duc. “[...] *A restauração deverá ser adotada como forma extrema de intervenção, depois de atitudes como manutenção e consolidação*”<sup>64</sup>. Boito afirmava que existia a necessidade de respeitar os acréscimos de outras épocas e criticava a reconstituição de partes desaparecidas. As intervenções deveriam ser mínimas, evidentemente distintas do original, e todos os procedimentos utilizados estariam documentados em detalhe, registrados e divulgados. Apesar desta nova perspectiva, a maioria das intervenções de restauro na Europa no século XIX e início do século XX, foram inspiradas nos princípios de Viollet-Le-Duc. As premissas por Camilo Boito, serviram posteriormente para criar a base de um novo conceito moderno de restauro e uma parte destas foi mesmo integrada na Conferência de Atenas em Outubro de 1931.

---

<sup>63</sup> Trad. -« [...]a mais total destruição que um edifício possa ser submetido (...), uma mentira absoluta. O projecto restaurador é um absurdo. Restaurar é impossível. Tanto quanto dar a vida aos mortos», in CHOAY, F. 1992. *L'Allégorie Du Patrimoine*, Editions du Seuil, Paris, p. 119

<sup>64</sup> GRAMMONT, A. 2006. *A Construção do Conceito de Património Histórico: Restauração e Cartas Patrimoniais*, [em linha] PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 4, núm. 3, septiembre, 2006, Universidade de la Laguna, Espanha. p. 438

A autora LAMBERINI D., diz numa perspectiva prática, o restauro baseia-se num projeto de conservação. É na construção que nascem as primeiras informações históricas-artísticas e materiais, que devem ser cuidadosamente investigadas e interpretadas, *“deve-se conhecer para conservar”*<sup>65</sup>, deste modo, deve-se adequar as técnicas a serem utilizadas. Também é importante a colaboração de uma equipa multidisciplinar, arquitetos, físicos e químicos, como nos indica a Carta de Restauro, o capítulo VI da Carta de Atenas de 1931, e o artigo 2 da Carta de Veneza de 1964, *“a conservação e o restauro de monumentos constituem uma disciplina que se vale de todas as ciências e de todas as técnicas que podem contribuir para o estudo e a salvaguarda do património monumental”*<sup>66</sup>.

A Carta de Restauro e a normativa internacional, mostram uma certa concordância, no que diz respeito, ao reconhecimento do papel preponderante da pesquisa histórica no restauro. Também os artigos nº 5 da Convenção de Paris em 1972, apontam para a pesquisa e formação na valorização, visando o melhoramento dos métodos de trabalho e a promoção de programas educativos. Torna-se preponderante a necessidade de favorecer o profissionalismo dos técnicos que se dedicam ao restauro, mestres e artesãos.

A autora LAMBERINI D., quando escreve no texto “Restauro Arquitetónico e Pesquisa Histórica”, afirma “[...] o restauro é o grande desafio deste fim do século, oferecido ao arquiteto para renovar os conteúdos da sua profissão tanto sapiente quanto humildade que, quanto mais estiver estruturado na disciplina de conservação, tanto mais encontrará gratificação na consciente e respeitosa pacatez da sua intervenção.”<sup>67</sup>

O arquiteto afirma-se no restauro através da sua aptidão de adquirir e conduzir corretamente o levantamento histórico, sabendo aplicar os seus resultados, ao conhecimento global da construção, em função do projeto e mais importante, o entendimento da estrutura existente e o que ela permite ou quer ser.

Ainda no mesmo pensamento, afirma a autora Lamberini sobre o profissional que intervenha no restauro, seja ele arquiteto ou engenheiro, é fundamental uma pesquisa histórica sendo um *“ [...] elemento qualificante do seu profissionalismo, o instrumento indispensável para um projeto filologicamente aceitável e para a correta direção de um estaleiro técnico eminentemente pluridisciplinar como é o do restauro.”*<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> LAMBERINI, D. 2000. *Restauro Arquitetónico e Pesquisa Histórica*, retirada da obra, Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e Conservação, Alverca, GeCoRPA, p. 70

<sup>66</sup> *Idem*, p.70

<sup>67</sup> LAMBERINI, D. 2000. *Restauro Arquitetónico e Pesquisa Histórica*, retirada da obra, Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e Conservação, Alverca, GeCoRPA, p. 72

<sup>68</sup> *Idem* p.75



Figura 31 - Vista aérea Quinta da Covilhã



Figura 32 - Alçado principal casa da Covilhã

## 2.3. - Análise dos exemplos de intervenções de restauro

### 2.3.1.- Casa da Covilhã – Quinta da Covilhã

A Casa da Covilhã localiza-se nas proximidades da cidade de Guimarães. FERRÃO B. explica no artigo Casa da Covilhã em 1998, esta área é caracterizada pela presença de casas solarengas rústicas em torno da cidade, do final séc. XVI e durante séc. XVII, surgidas no âmbito da urbanização contrarreformista e barroca, e pelo abandono da nobreza. Citando o autor, este foi um “[...] *proceso de ruralización común, además, a las ciudades del noroeste portugués, genéricamente denominado “la corte en la aldea”*”<sup>69</sup>.

Em conformidade com outras casas solarengas, a construção da Casa da Covilhã compreendeu diversas fases. De acordo com os autores do livro POSTIGLIONE G.<sup>70</sup>, apoiados em documentos sobre a casa, o primeiro momento construção da casa principal do séc XVII, ano de 1642. A capela, que se encontra numa das extremidades da casa foi construída no séc. XVIII. Posteriormente no séc. XIX, serão criadas aberturas para oeste protegidas por alpendres. Sendo a última intervenção a Casa da Covilhã o projeto concebido pelo arquiteto Fernando Távora em 1973.

Os autores, ESPOSITO A. E LEONI G.<sup>71</sup>, referem-se ao restauro da Casa da Covilhã como um exemplo do método de trabalho do arquiteto Fernando Távora baseado na prefiguração. Sem qualquer plano pré-desenhado, o projeto consiste num só desenho em que, qualquer decisão contará para a evolução do trabalho em projeto.

Esta casa tornou-se propriedade do arquiteto, entre os anos 1973 e 1976, na qual segundo o autor FERRÃO B.<sup>72</sup>, afirma que Távora possui uma relação única com esta casa, pois tratava-se de recuperar uma antiga propriedade herdada pelos seus pais e na qual estabeleceu laços sentimentais que se traduz no texto que escreveu, dedicado a esta casa:

---

<sup>69</sup> Trad. «[...] processo de ruralização comum, além das cidades do noroeste português denominado genericamente por “a corte na aldeia”». in FERRÃO, B. Departament de Projectes Arquitectònics - Revistes i Congressos - *Casa da Covilhã*, Universidade Politècnica de Catalunya.[em linha] 1998, no.14. p. 42

<sup>70</sup> POSTIGLIONE, G. 2004, *100 Houses for One Hundred European Architects Of Twentieth Century*, TASCHEN, London pp. 384-385

<sup>71</sup> Textos de ESPOSITO A. E LEONI “Casa da Covilhã” in G.POSTIGLIONE, G (2004), *100 Houses for One Hundred European Architects Of Twentieth Century*, TASCHEN, London - p. 384

<sup>72</sup> FERRÃO, B. Departament de Projectes Arquitectònics - Revistes i Congressos - *Casa da Covilhã*, Universidade Politècnica de Catalunya. [em linha] 1998, no.14. p. 42- 45.



Figura 33 - Portão casa da Covilhã

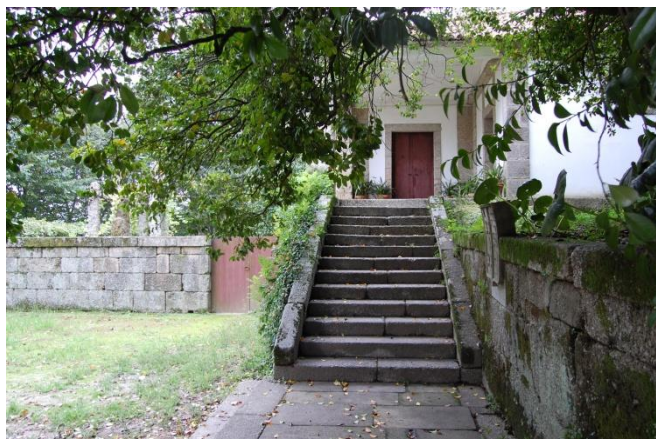


Figura 34 - Átrio exterior casa da Covilhã



Figura 35 - Alçado Oeste casa da Covilhã



Figura 36 - Alçado Norte casa da Covilhã

*“De há muito que nos conhecíamos...”*

*Eu sabia algo da sua alma e do seu corpo. Sabia-a iniciada por João, o mestre-escola e embaixador que morreu de saudade e tristeza, enriquecida por Francisca que nascera na Baía, nobilitada pelo descendente de Bernardo, o secretário do infante que não chegou a morrer em Alcácer, renascida pelos dobrões que Luís António trouxera de S. João rei, despertada pelas iras de outro António, o cónego miguelista que saiu vencido, conservada pelo austero Adelino e tão amada por José.*

*Eu sabia-a forte e segura, nas suas espessas paredes de granito ou nas suas armações de castanho, mas descobrira-lhe já algumas cicatrizes, fruto se sucessivos crescimentos ou de agravos do tempo que, também a ela, não soube perdoar.*

*Eu amava a sua pobre riqueza, a sua carreira, o seu portão com seu mouro, o seu terreiro, o seu jardim que outrora fora de buxo, algumas das suas fontes sem água, a sua velha nogueira, a beleza das suas camélias de Fevereiro.*

*De há muito que nos conhecíamos...*

*Mas só comecei a conhece-la melhor quando juntos iniciamos o romance da sua – e nossa- transformação. Havia que tocar-lhe e tocar -lhe foi um ato de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projecto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de um frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho de papel.*

*Foram, assim dez anos de muito longos gestos e de algum pouco papel, dez anos fixando e decidindo com cautela as transformações que ambos-ela e eu -íamos amorosamente aceitando.*

*Assim cruzamos as nossas vidas. Hoje ela lá está prosseguindo no seu espaço e no seu tempo e o seu desenho aí está escrevendo e recordando a história do nosso romance.*

*De há muito que nos conhecíamos ...*

*Porém, agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes.”<sup>73</sup>*

---

<sup>73</sup> Texto de TAVORA F. in TRIGUEIROS, L. [et al] (1993), Fernando Távora, Blau, Lisboa pp. 127-129.

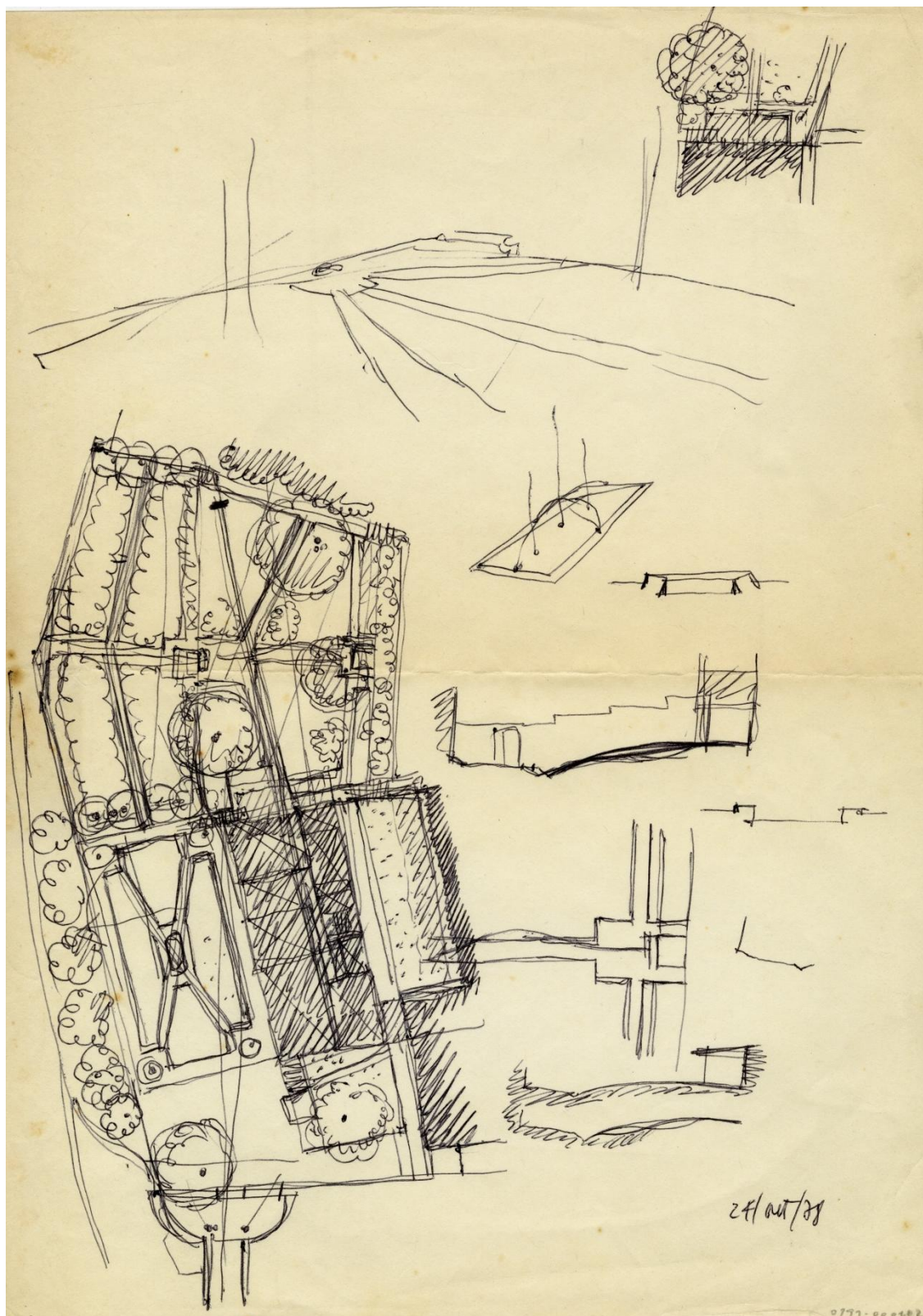


Figura 27 - Planta de enquadramento esquemas de organização dos jardins

Nos diversos projetos de restauro a cargo do Fernando Távora, identificam-se valores de um autor já antes mencionado, Jonh Ruskin, como afirma o autor PORTUGAL, F. e o autor GOMES na obra *Restauro e Reabilitação na Obra de Fernando Távora: O Exemplo da Casa dos 24 (1)*, em 2008, “*Fernando Távora considerava os valores de Jonh Ruskin: A arquitectura é como a espiritualidade do lugar, mas também reconhece que a incúria e o desleixo não são eticamente aceitáveis e a arquitetura pode ser uma reserva moral da memória coletiva.*”<sup>74</sup>. Refere ainda, que a atuação do arquiteto no restauro como são exemplo as obras, a Quinta da Conceição, a Casa dos 24 e a Casa da Covilhã, “[...] *quando intervém na ruína, questiona-se em que medida deve ser ela transformada.*”<sup>75</sup>

O autor FERRÃO B., aponta à existência de uma relação entre as obras do arquiteto e a renovação da casa da Covilhã: “[...] *se detectan preocupaciones metodológicas latentes en el Plano General de Rehabilitación de Barredo en Oporto (1969) y una actitud frente a la problemática de la recuperación ya estabilizada desde 1972, en la fase conceptual de la renovación de la Pousada de Santa Marinha da Costa*[...]”<sup>76</sup>

Para os autores PORTUGAL e GOMES, “*na intervenção de restauro da Casa da Covilhã, do período entre os anos 1973 e 1976 por Távora, realiza uma obra intimista onde os valores espirituais da paisagem e da arquitetura emergem como o lugar transcendente da memória. “(...) Mas ao contrário do amor platónico de John Ruskin perante a arquitetura, Fernando Távora prefere tocar-lhe com as próprias mãos, se necessário:*”<sup>77</sup>

Assim sendo, a Casa da Covilhã surge de uma ambição antiga, já expressa pelo arquiteto Fernando Távora, que desta forma, pretende inserir na sua arquitetura, métodos temporalmente extensos, controlando as suas variantes, modelando-os criativamente, de modo a que subsista a sua identidade e espírito. Também é relevante mencionar que o arquiteto Távora ao executar o projeto de recuperação desta casa, praticará um método projetual diferente do habitual.

---

<sup>74</sup> PORTUGAL, F., GOMES. *Restauro e Reabilitação na Obra de Fernando Távora: O Exemplo da Casa dos 24 (1)*. Arquitectos [em linha] – Abril de 2008, parte. 1

<sup>75</sup> *Idem*, parte. 1

<sup>76</sup> Trad. «Detetam-se preocupações metodológicas latentes do Plano Geral de Reabilitação de Barredo no Porto (1969), e uma atitude frente à problemática da recuperação já estabilizada desde 1972, na fase conceptual da renovação da Pousada de Santa Marinha da Costa» in FERRÃO, B. Departament de Projectes Arquitectònics - Revistes i Congressos - *Casa da Covilhã*, Universidade Politècnica de Catalunya.[em linha] 1998, no.14. p. 44

<sup>77</sup> PORTUGAL, F., GOMES. *Restauro e Reabilitação na Obra de Fernando Távora: O Exemplo da Casa dos 24 (1)*. Arquitectos [em linha] – Abril de 2008, parte. 1

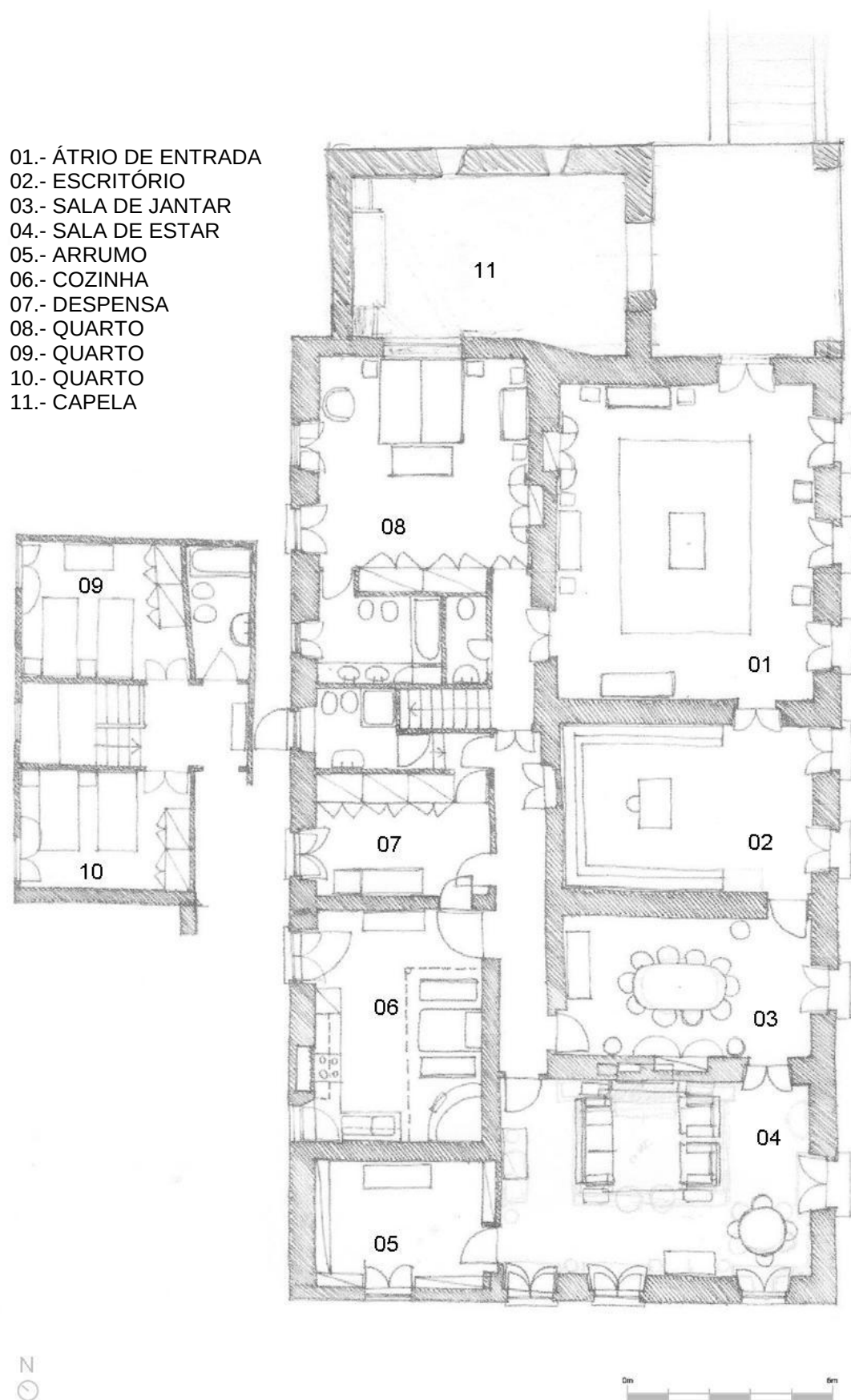


Figura 38 - Planta piso 01 andar nobre casa da Covilhã e relação com piso 02

Baseou-se essencialmente num primeiro desenho esquemático da casa, contratando um mestre carpinteiro desperto para a construção local, realizando esta obra com um esforço simultâneo, como o autor expõe, “[...] *mantenimiento de la unidad del trabajo, nunca apoyándose en los estudios realizados en el atelier sino procurando articular, permanentemente, el trabajo de los responsables de las diversas “artes”*.”<sup>78</sup>

Seguindo para uma análise as ações de projeto concretas do arquiteto, para revelar como este gere os compromissos que representam esta obra. Neste sentido é criada uma memória descritiva do espaço onde se procura perceber como é que o altera a casa e o porque dessa decisões.

A entrada para o terreno faz-se através de um portão ornamentado pelas pedras de armas, sendo o acesso à casa feito por um caminho de 150 metros. O restauro da Casa da Covilhã. Compreende no piso térreo um armazém e um quarto, que representam uma alteração de uso a pré-existência sendo estes provável mente agrícolas. No primeiro andar, apesar das mudanças por razões de conforto, e pelas exigências contemporâneas, arquiteto Fernando Távora, mostra preserva a original disposição espacial da casa. o átrio exterior da casa funciona como primeira área de receção, distribuindo-nos para entrada da casa e para a capela.

A entrada para a casa é feita para uma larga sala de receção (ver fig.), que da ligação uma biblioteca (ver fig.), e ao corredor central, que nos distribuí para a sala de jantar (ver fig.), uma sala de estar (ver fig.), à cozinha (ver fig.), e ao quarto principal, este que tem vista para o altar da capela. Neste que representa o andar nobre da casa podemos ver pelas imagens que o tratamento que o arquiteto da ao espaço é puramente numa tentativa de preservar a imagem original, preservando os tetos, as guarnições em madeira e o mobiliário, as ações mais interventivas no espaço revelam um grande domínio do desenho e organização, sendo a criação dos quartos de banho e o quarto principal.

No segundo piso, encontram-se dois quartos. O restauro da capela, por sua vez abrangeu a renovação de móveis e esteve concluída em 1980 sendo introduzidas outras alterações de conservação, *A posteriori*. No tratamento do exterior o arquiteto intervém de forma excecional desenhado um Brazão, intervém nos três jardins que circundam a casa, um jardim com piscina (ver fig.), um outro com uma cozinha e alpendre (ver fig.), ainda outro com flores, como a camélia e um tanque (ver fig.). Sendo que nas fachadas da habitação mantem a aparência original o que mostra a vontade de preservar a memória.

---

<sup>78</sup> Trad. «[...] mantimento de uma unidade de trabalho, nunca baseando-se nos estudos realizados em atelier mas procurando articular, permanentemente, o trabalho dos responsáveis pelas diversas “artes”» in FERRÃO, B. *Departament de Projectes Arquitectònics - Revistes i Congressos - Casa da Covilhã*, Universidade Politècnica de Catalunya.[em linha] 1998, no.14. p. 44

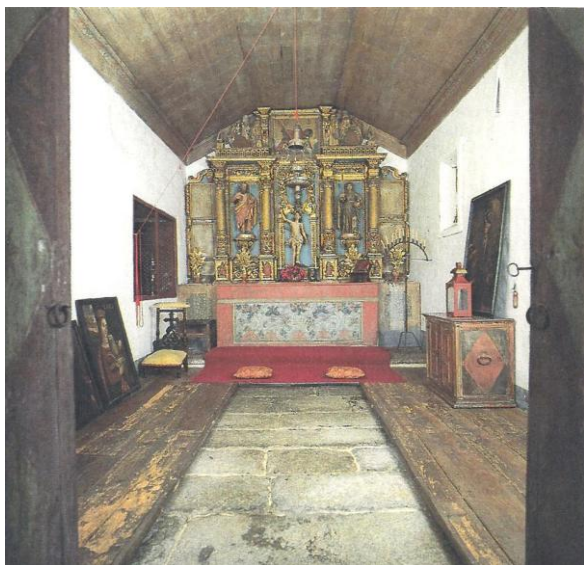


Figura 39 - Capela casa da Covilhã



Figura 40 - Sala de receção casa da Covilhã

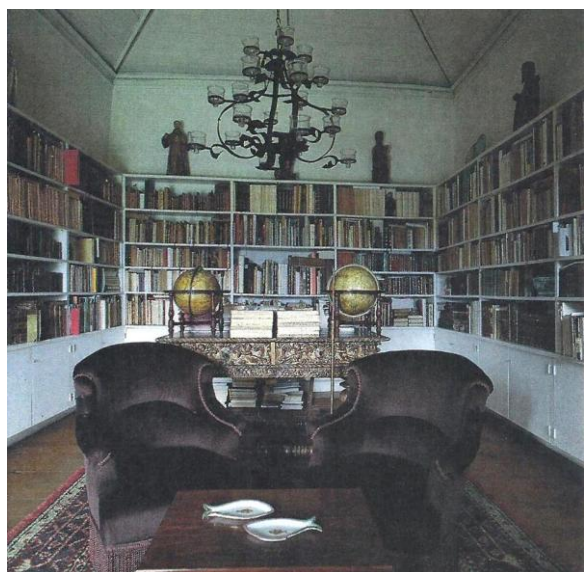


Figura 41 - Biblioteca casa da Covilhã

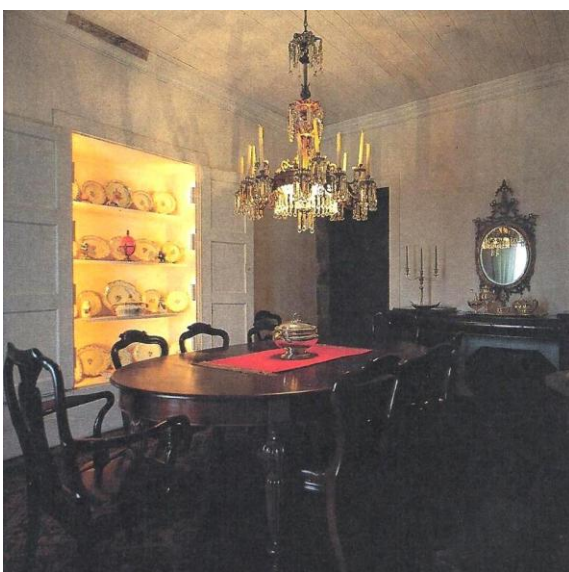


Figura 42 - Sala de jantar casa da Covilhã





Figura 43 - Planta de implantação Quinta santo Ovídio



Figura 44 - Casa Ana Costa vista posterior

### 2.2.1.- Casa Ana Costa- Quinta de Santo Ovídio

A casa de Ana Costa encontra-se inicialmente numa grande propriedade, denominada de Quinta de Santo Ovídio, é uma quinta do séc. XVIII situada na região do Douro em Lousada, Portugal, sendo esta uma região fértil e topograficamente variada.

Segundo o autor FRAMPTON K.<sup>79</sup> a quinta atualmente possui cerca de três hectares. Com um forte carácter agrícola de origem, sobretudo na produção vinícola, a casa principal da quinta e as vinhas encontram-se vedadas por um muro ligado à fonte barroca, que por sua vez, define a área interior do terreno.

Na entrevista realizada ao arquiteto José Luís Carvalho Gomes<sup>80</sup>, este esclarece que o projeto teve dois clientes diferentes, num primeira fase a cliente Ana Costa, uma amiga do arquiteto Siza que adquire a quinta de Santo Ovídio, e é então criado um projeto de reabilitação para a casa nobre e para a totalidade da quinta. Esta cliente pede uma característica especial ao projeto, uma área de passerelle no exterior e no interior da casa. Num segundo momento, a casa passa para o segundo cliente de Siza Vieira nesta propriedade Manuel da Silva. Nesta fase o cliente pede alterações ao projeto concentrando-se na criação da capela, do volume da piscina, churrasqueira anexa a casa de hóspedes, a criação da garagem subterrânea, alterações ao jardim que resulta na demolição da piscina e na área de passerelle do projeto para Ana Costa e a mudança de localização do campo de ténis.

A autora CIANCHETTA, A. e a autora MOLTENI, E. na obra *Álvaro Siza : Casas : 1954-2004*<sup>81</sup>, apresenta o projeto de restauro, o qual foi concebido numa primeira fase entre 1989 a 1992 e o segundo momento em 1997 a 2001.

No que diz respeito a organização da quinta e implantação da casa, o autor CONH. D.<sup>82</sup> descreve que o portão barroco comunica com a casa através de um eixo, e a casa apresenta uma planta em forma de L. As alas da casa que flanqueiam a entrada pavimentada, possuem uma fonte barroca com uma enorme e elaborada escultura granítica. Inicialmente a casa principal, possuía rés-do-chão, ocupado pelas cortes de animais e no primeiro piso estavam presentes as áreas nobres as salas e os quartos.

---

<sup>79</sup> FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, *Álvaro Siza: Tutte le opere*, Electa, Milan pp. 376-378

<sup>80</sup> Entrevista realizada ao Arquiteto José Luís Carvalho Gomes, colaborador no projeto da Quinta de Santo Ovídio nos escritórios do Arquiteto Siza Vieira- Texto na íntegra presente no Anexo D neste trabalho.

<sup>81</sup> CIANCHETTA, A., MOLTENI, E. 2004 *Álvaro Siza : Casas : 1954-2004*, Skira, Milano, p.158

<sup>82</sup> COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovídio, Douro Region, Portugal, by Álvaro Siza* United Kingdom: Builder Group. [em linha]. Abril 2002, no.105. p. 26-33

- 01.- ÁTRIO DE ENTRADA
- 02.- QUARTO
- 03.- QUARTO
- 04.- SALA DE ESTAR
- 05.- QUARTO
- 06.- QUARTO
- 07.- QUARTO
- 08.- SALA DE JANTAR
- 09.- COZINHA
- 10.- TANQUE
- 11.- CORTES



Figura 45 - Planta piso 01 casa Ana Costa pré-existência

- 12.- LOJA
- 13.- LOJA
- 14.- LOJA
- 15.- LOJA
- 16.- ESCRITÓRIO

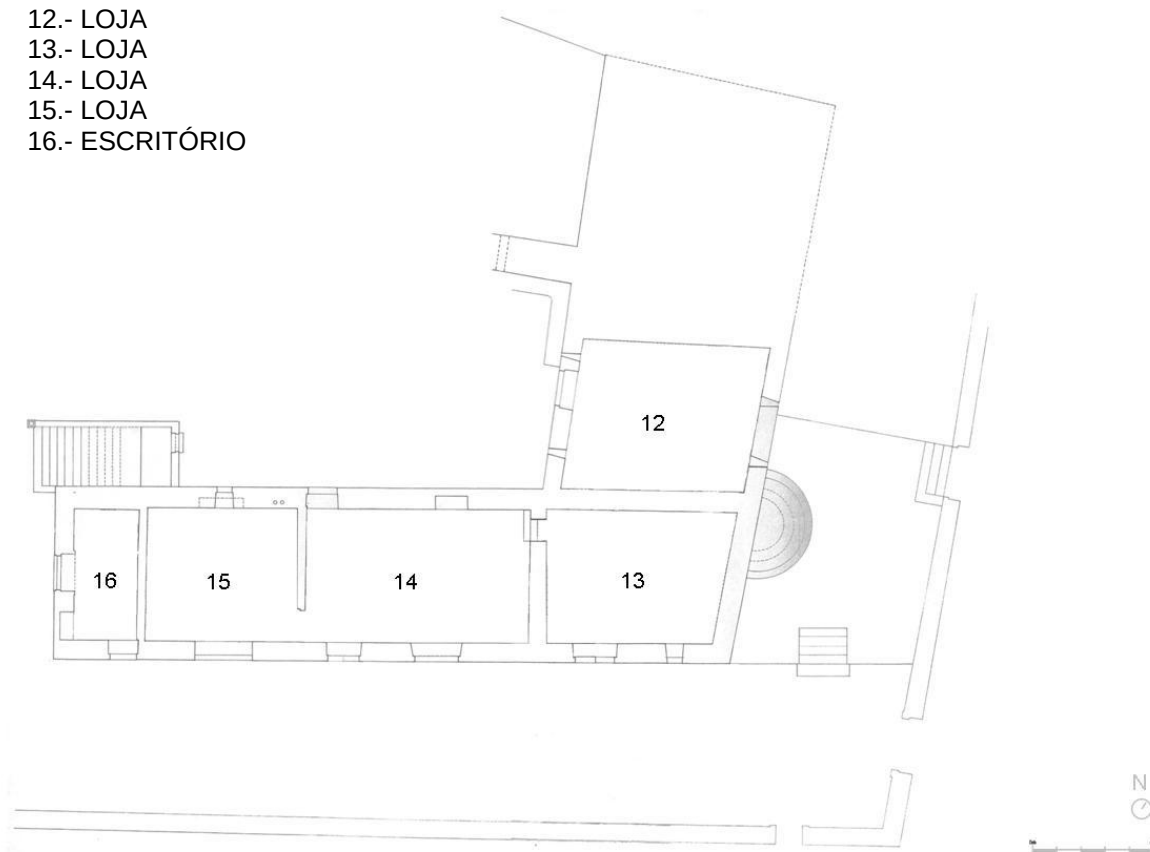


Figura 46 - Planta piso 01 casa Ana Costa pré-existência

Da pré-existência da casa, dado o conhecimento do arquiteto José Luís Carvalho Gomes, esta casa possuía uma organização característica das casas nobres, o piso térreo para lojas de uso agrícola, no primeiro piso, o andar nobre com as áreas sociais e de descanso. O arquiteto ainda revela que a casa encontrava-se bastante degradada com partes do telhado abatidas.

O autor COHN D.<sup>83</sup> explica no artigo acerca da renovação da Quinta Santo Ovídio que a intervenção por Siza Vieira, é caracterizada pela sua adaptação do vocabulário e da utilização de técnicas da arquitetura moderna, numa forma de resposta à região do Douro, afirmando que *"As a result, Siza has become its best interpreter, one of the few architects capable of bridging the gap between Portugal's rich past, as recorded in this landscape, and the necessary but corrosive impact of its rapid modernization and development [...]"*<sup>84</sup>.

José Luís Carvalho Gomes, explica na entrevista que nesta obra, a atuação prevê recuperar a vivência de uma casa nobre no sentido em que, os espaços pretendem repor os ambientes nobres, sendo o objetivo da reorganização do espaço. No andar nobre foram criados espaços amplos numa organização em susceção de salas, demolindo as paredes de tabique de forma a criar espaços que são definidos pelas paredes estruturantes da casa e desta forma, aproveitar áreas máximas. É também criada uma escada de ligação entre os pisos. No piso térreo, os usos representam a maior modificação, pois este andar representa a parte mais privada da casa, dando lugar aos quartos e uma sala de jogos. Neste andar e são criadas novas aberturas interiores, e algumas paredes. A nível construtivo estrutural, prevê diferenciar-se dos modos tradicionais de construção, já que todas lajes da casa foram refeitas em betão. No entanto, nos revestimentos interiores Siza Vieira opta por materiais remanescentes da casa nobre, soalho em ripas largas de madeira, tetos em madeira, rodapés e guarnições de vãos em madeira. No exterior todo o tratamento e opções foram de forma a manter a pré-existência, desde a pedra a vista, a recriação das caixilharias.

---

<sup>83</sup>COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovidio, Douro Region, Portugal, by Álvaro Siza* United Kingdom: Builder Group. [em linha]. Abril 2002, no.105. p. 26-33

<sup>84</sup>Trad. «Em resultado, Siza tornou-se o melhor intérprete, um dos poucos Arquitectos capaz de criar uma ponte no espaço entre o passado rico de Portugal recordado na sua paisagem, e o necessário mas corrosivo impacto da rápida modernização e do desenvolvimento» p.26

- 01.- ÁTRIO DE ENTRADA
- 02.- QUARTO DE BANHO
- 03.- ARRUMO
- 04.- SALA DE ESTAR
- 05.- SALA DE ESTAR
- 06.- SALA DE JANTAR
- 07.- COZINHA
- 08.- LAVANDARIA
- 09.- DESPENSA
- 10.- CASA DA CALDEIRA



Figura 47 - Planta piso 01 casa Ana Costa

- 11.- QUARTO
- 12.- QUARTO
- 13.- SALA DE JOGOS
- 14.- QUARTO
- 15.- QUARTO DE VESTIR

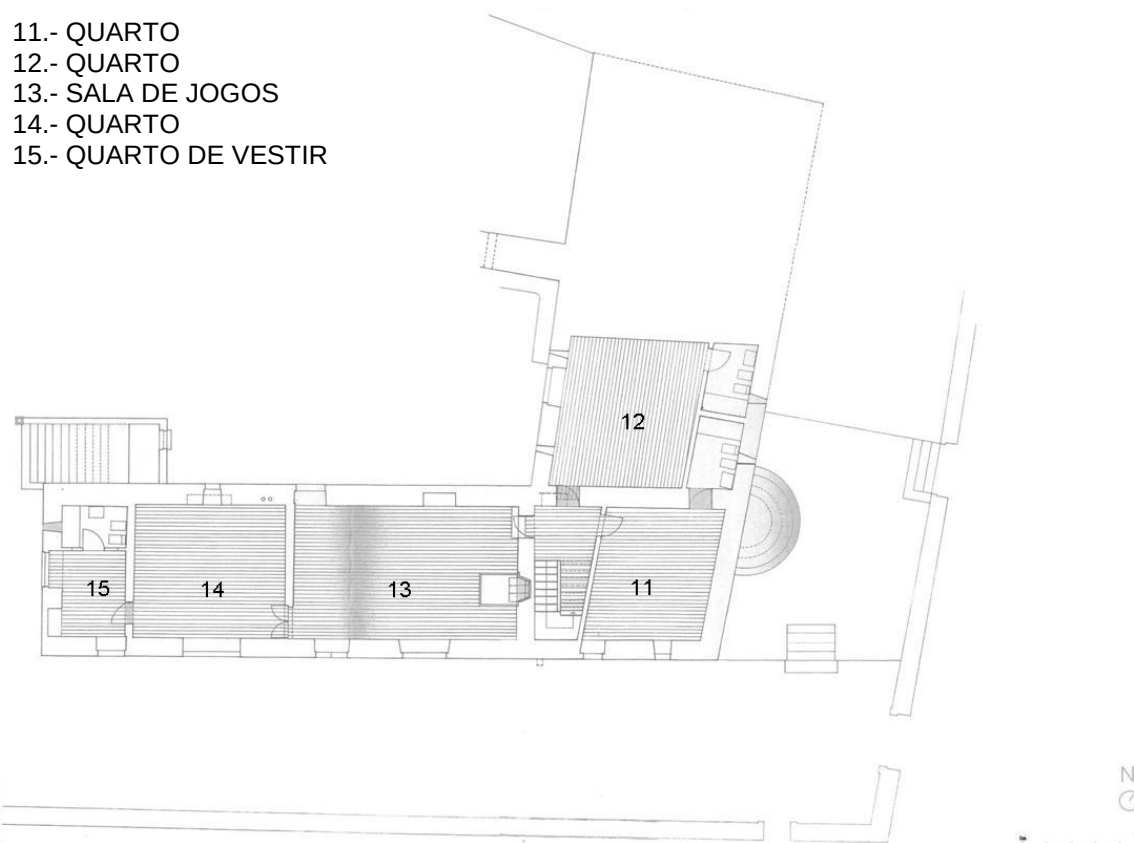


Figura 48 - Planta piso 00 casa Ana Costa

A organização da casa também é descrita pelo autor, COHN D.<sup>85</sup> Este revela que a intervenção do arquiteto, “*Siza has largely reconstruct the house, reproducing the original windows and rebuilding interior floors, walls and roof.*”<sup>86</sup> Foi dada uma nova configuração aos pisos, situando-se três quartos no rés-do-chão, com uma escada interior de acesso ao primeiro piso, que contém várias salas em fila, dando para um grande *hall* de entrada para uma sala de estar, livraria e uma sala de jantar que dá para uma cozinha em paredes de granito. Esta cozinha de grandes dimensões, possui uma lareira própria e uma sala própria.

Siza desenhou um balcão de serviço em mármore branco e concebeu a mesa de jantar e cadeiras para a cozinha, bem como, outras mobílias da casa como armários, baús e um cofre em prata.

Na perspetiva de CONH. D. sobre o trabalho do arquiteto neste projeto, este afirma, “[...] *unexpected spark of rustic grace in details such as the curved edges of the marble bathroom vanites or the rough granite arch over the garage entrance are not simply a reflection of Siza’s characteristic mock innocence of line.*”<sup>87</sup>, e deste modo, Siza revela o seu vínculo entre a sua própria linguagem formal e a arquitetura rural barroca de Portugal e apela à continuidade do artesanato tradicional.

Outros elementos surgiram desta última renovação, como exemplo, a capela. O autor CONH. D., afirma tratar-se de, “[...] *a playfully solemn miniature, one of those magical compositions that Siza seems to produce effortlessly, like a quick sketch*”<sup>88</sup>. Esta está orientada para oeste e inserida numa encosta no extremo mais ocidental do lugar.

A capela, contém uma janela semicircular sobre o altar, outra janela invulgar no chão e no lado oposto uma janela em forma de cruz, esta ultima feita para um jogo de luminosidade, que se encontra em Igrejas Barrocas na cidade do Porto. Nesta capela está presente outros detalhes que marcam a sua intervenção, como um altar em granito, cadeiras desenhadas por Siza e ainda uma imagem de Cristo do séc. XVII, num suporte de prata, este também desenhado pelo arquiteto.

---

<sup>85</sup> COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovidio, Douro Region, Portugal, by Álvaro Siza* United Kingdom: Builder Group. Abril 2002

<sup>86</sup> Trad- «Siza em grande parte da reconstrução, reproduziu as originais janelas e reconstruiu o interior dos andares, paredes e tetos.» in COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovidio, Douro Region, Portugal, by Álvaro Siza* United Kingdom: Builder Group. [em linha]. Abril 2002, no.105. p. 26.

<sup>87</sup> Trad. «Uma inesperada faísca da graça do rústico em detalhes vaidosos, como as bordas das curvas da casa de banho em mármore ou o arco em granito bruto sobre a entrada da garagem, não são só um simples reflexo das características de Siza na inocência aparente da linha» *Idem*. p. 28

<sup>88</sup> Trad. «Uma miniatura de uma brincadeira solene das composições mágicas que Siza parece produzir sem esforço, como que um esboço rápido» *Idem*. p. 27



Figura 49 - Cozinha casa Ana costa



Fig. 50- Escada interior casa Ana costa



Figura 51 - Sala de estar piso 00 casa Ana costa

Nos exteriores, o arquiteto José Luís Carvalho Gomes, revela que o “Jardim de Prazer” é uma criação nova que assenta num eixo claramente marcado pelas pré-existências desta quinta, sendo criado um eixo principal desde do centro da fachada nascente da casa, passando pela fonte central do jardim até ao portão e um segundo eixo perpendicular que liga ao tanque. Conjuntamente procedeu-se à recuperação de minas de água, tanques, manutenção e plantação de palmeiras e ramadas periféricas ao jardim e a restauração de um miradouro e bancos de estar em granito, que permite-nos ter uma perspetiva sobre os campos a baixo

As lojas, ligadas às dependências agrícolas respetivas à casa, foram transformadas em residência para a filha do novo proprietário. As dependências agrícolas estão agora localizadas no lote mais a norte do terreno. Observa-se alguns detalhes no interior, na madeira trabalhada podendo ser estas, nas caixilharias das janelas bem como, nos desenhos dos puxadores da porta. O arquiteto cria ainda uma discreta garagem subterrânea.

A casa da piscina, construída de raiz pelo arquiteto, possui uma fachada em zinco e os grandes vãos do interior, que o autor declara, “*brings the Quinta entirely into the present*”<sup>89</sup>. O telhado desta casa da piscina é retrátil, utilidade para a época de verão. No interior, descrevem-lhe outros detalhes curiosos, como, figuras de cavalos nos vidros das portas e paredes planas de cor azul e amarelo com silhuetas humanas, desenhos de Siza Vieira, inspirados em parte numa viagem.

No projeto levado a cabo pelo arquiteto Siza Vieira, este intervêm nos diversos elementos do complexo, centrando-se no controlo da técnica e junção desses mesmos elementos a um terreno irregular controlado, combinando a grandeza barroca e a informalidade rústica. Nesta ótica, pode-se concluir que estamos perante um projeto de renovação no sentido em que, o projeto não visa restaurar a imagem exata e as técnicas construtivas da pré-existência, mas propõe-se sim a recuperar o uso desta casa para a mesma função de que a quinta na sua pré-existência, renovando os espaços numa linguagem moderna, inspirando-se na arquitetura das casas nobres.

---

<sup>89</sup> Trad- «Traz a quinta inteiramente ao presente » in COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovidio, Douro Region, Portugal, by Álvaro Siza* United Kingdom: Builder Group. [em linha]. Abril 2002, no.105. p. 28



Figura 52 - Portão quinta de Santo Ovídio



Figura 53 - Capela de St. Ovídio



Figura 34 - Interior capela de St. Ovídio



Figura 55 – Volume da piscina interior de St. Ovídio

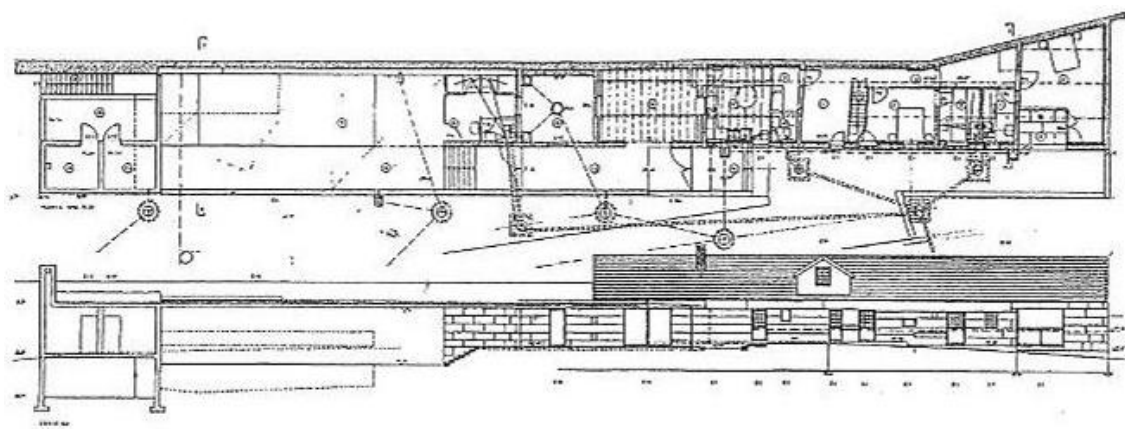


Figura 56 - Planta-alçado casa de hóspedes, piscina interior



Figura 57- Pormenor ligação dos volumes



Figura 58 – Pormenor do telhado



Figura 59 - Piscina St. Ovídio



## Notas finais

Em confronto entre a análise das duas obras arquitetónicas e à definição dos diferentes conceitos de restauro, foi possível observar que estamos perante dois casos um que sofre um restauro conservador e outro um restauro de renovação, existindo em ambos uma criação de um novo programa, que preserva a tipologia destas construções, reformulando a organização das casas nobres adequado às necessidades e ao modo de vida contemporânea, não sendo perdida a presença dos edifícios primitivos. Na análise ao edifício Casa de Alvelo, observa-se uma estrutura de carácter especialmente habitacional, agrícola e social à semelhança dos exemplos em estudo. Neste sentido os projetos analisados concretizam o que seriam duas formas de intervenção adequadas ao objeto de estudo.

Os dois arquitetos Fernando Távora e Álvaro Siza Vieira, demonstram que, o trabalho a partir de uma pré-existência não é uma limitação à criatividade mas sim um estímulo. Os espaços resultantes das construções antigas possuem a mesma seriedade que os espaços pensados de raiz, pois são identicamente projetados de origem. Desta análise surge uma premissa: a pré-existência pode influenciar o resultado final mas não o limitará.

As duas intervenções representam diferentes formas de atuação da pré-existência, verificando-se uma preocupação por parte dos arquitetos em adaptar-se ao novo prospeito, sem desfigurar a preexistência, numa agregação das estruturas existentes a um novo conjunto edificado, respeitando a essência do edifício primitivo e preservando, deste modo, o património arquitetónico. A intemporalidade torna-se, então, como uma condição fundamental da nova intervenção dado pela simultânea presença do passado e do presente. Concretizando-se em arquitetura pela forma do tratamento exterior dado aos edifícios que em ambos os casos sofrem apenas trabalhos de conservação e trazendo ao interior um novo conforto uma nova organização. No caso específico do arquiteto Fernando Távora, é notória que existe uma intenção de guardar uma memória, no sentido que o projeto mostra conservar a imagem da casa original, mantendo o revestimento das paredes interiores, as guarnições dos vãos em madeira, o jogo de cantarias e a parede branca no exterior e a preservação do mobiliário. Sendo próprio de um projeto particularmente pessoal pois ele é neste caso projetista e proprietário. Os materiais, tanto na Casa da Covilhã como na Casa Ana Costa, foram eleitos para existir uma harmonia entre o velho e o novo, e para isso existe a necessidade de recorrer a técnicas tradicionais.



No projeto de Siza Vieira existe respeito pelo pré-existente, mas não existe um restauro exato das formas, mas sim na renovação da memória, justificada pela organização do espaço e pela opções construtivas, tais como, o aspeto exterior é preservado, os interiores são renovados, os materiais de estrutura são diferenciadores do tipo da construção, a escolha dos revestimentos resulta de uma inspiração no primitivo edifício. No restante espaço da quinta, este intervém trazendo um revivalismo, consagrado na capela que desenha na totalidade. Outro ponto a ter em consideração, é a transformação dos antigos espaços agrícolas da quinta numa habitação, a que lhe é associado um volume independente para uma piscina. No projeto de Santo Ovídio existe de facto uma grande desfião na relação entre um programa contemporâneo e à pré-existência, ao qual o arquiteto resolve criando a máxima cumplicidade entre o novo e antigo.

Contudo, na análise a estes dois casos em questão destaca-se diferenças. No caso da Casa da Covilhã, existe uma intervenção, mas este atua numa forma de conservar o edifício. Nesta atuação do arquiteto Fernando Távora, nota-se uma aproximação à doutrina de John Ruskin, sustentando principalmente, o conceito de anti intervencionismo, que segundo ele, o monumento deve permanecer intocado como no projeto original. No entanto continua a ser um intervencionista podendo se considerar mais próximo de um restaurador conservador.

No caso da Casa Ana Costa de Álvaro Siza Vieira, nota-se uma postura mais intervencionista. O arquiteto cria uma linha contínua entre a pré-existência e as alterações que foram introduzidas, para que se estabelecessem novas funções. Considera-se então, uma atuação prática da teoria de Viollet-le-Duc, que defende o restauro, permitindo ao arquiteto: completar edifícios através de uma unidade estilística, completar através da lógica, agregar partes novas ainda que não tenham nunca existido na história da edificação possibilitando a sua conclusão.

Dada que a pergunta de partida para esta investigação - *qual o futuro a dar as casas nobres portuguesas, restauro e conservação ou abandono?*- e com base na análise que foi feita ao longo do trabalho, impõem-se a vontade de adotar uma postura intervencionista, pois as casas nobres portuguesas são de facto figuras e verdadeiras testemunhas do passado do nosso país, e nas quais se perspetivam novas utilidades e potencialidades. Ao seguir esta postura, era possível que os vários exemplos que temos no Norte de Portugal de Casas Nobres devolutas, permitissem a criação de habitações autónomas, fielmente ligadas ao passado, mas numa aproximação mais contemporânea, na qual fosse permitida e preservada o vínculo à agricultura ligada à área envolvente.



Analizadas as duas propostas, o maior desafio que poderá surgir é precisamente qual das intervenções apresentadas se adapta ao objeto de estudo Casa de Alvelo?

Independentemente da escolha, é relevante entender a totalidade da estrutura em que se intervém, como também perceber, as razões para a intervenção, para podermos criar uma estratégia de atuação no pré-existente. Os dois casos estudados, representam formas de atuação corretas que se poderia adotar na casa de Alvelo. Embora não sigam o mesmo conceito de intervenção, os dois mostram conhecimento e respeito pela estrutura pré-existente, nas quais criam formas de atuação pessoais com objetivos claros, sendo um deles um restauro renovador, intervencionista, numa representação contemporânea que se distinga e respeite o existente, e o outro um restauro conservador com uso de técnicas tradicionais, com intervenções de salvaguarda, de forma a preservar uma memória o mais exata possível.

Dado o objetivo desta investigação, de perceber as estruturas das casas nobres e a sua evolução, como também entender diferentes conceitos e logicas de intervenção a estas estruturas, este trabalho foi conseguido e pode numa perspetiva futura, servir de ponto de partida para um projeto de restauro para a Casa de Alvelo, assim como, fornecer uma base de conhecimento para outros projetos ou estudos nesta matéria.



## Referências Bibliográficas

### Monografias/ Livros:

- ANTUNES, A. [et al] 1998. *Arquitetura Popular em Portugal – zona 1 :Minho e Zona 2: Trás dos Montes*, 3ªed, Associação dos Arquitectos, Lisboa pp. 7-13, 24-54
- APPLETON, J. 2003. *Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e Tecnologias de Intervenção*, 1ª ed, Edições Orion, Amadora, pp. 1-7
- AZEVEDO, C. 1998. *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre*. Livros Horizonte, 2ª edição, Lisboa,
- AZEREDO, F. 1986. *Casas Senhoriais Portuguesas Roteiro da Viagem de Estudo do IBI: Da Serra - Memórias Ressuscitadas Da Província De Entre Douro, E Minho*, Editora Minho, Internationales Burgen Institut, pp. 8-12,91-97
- BANDEIRINHA, J.A [et al] (2002), *Fernando Távora Modernidade Permanente*. Edição :Associação Casa da Arquitetura, Publicação realizada no âmbito de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura pp.316-321
- BINNEY, M., CARVALHO, M.P, MORAIS, P. 1987. *Casas Nobres de Portugal*, Editora Difel, Lisboa, pp. 6-15.
- BOITO, C. 2002. *Conserver ou restaurer: Les dilemmes du patrimoine*, Busaçon , France, Collection Tranches de Villes. Les Éditions de L'Imprimeur, pp.11-66
- BRANDI, C. 2006 . *Teoria do Restauo*”, 1ª Edição, Edições Orion, Amadora, pp.1-6; 91-94
- CASTRO, T. 2010. *Françoise Choay Alegoria do Património*, 2ª ed, Edições 70 Lisboa, pp.11-189
- CIANCHETTA, A., MOLTENI, E. 2004 *Álvaro Siza : Casas : 1954-2004*, Skira, Millano, p.158-161
- COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. 2000 *Research Methods in Education*. Routledge Falmer, London
- CHOAY, F. 1992 . *L'Allégorie Du Patrimoine* , Editions du Seuil, Paris, pp. 110-135
- FRAMPTON, K ; SIZA, A. 1999, *Álvaro Siza: Tutte le opere*, Electa, Milan pp. 376-378
- GOMES, M. 1990. *Na Livração: Casa da Quintã*, Edição da Empresa Editora da Arte (fora do mercado).
- LAMBERINI, D. 2000. *Restauo Arquitetónico e Pesquisa Histórica*”, retirada da obra, Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e Conservação, GeCoRPA. Alverca, pp. 69 a 75
- MONTEIRO, E. 1990. *Vila Boa do Bispo, Tradição e Mudança*. 1ª Edição, Câmara Municipal do Marco de Canaveses, Marco de Canaveses, pp. 226-230



- POSTIGLIONE, G. 2004, *100 Houses for One Hundred European Architects Of Twentieth Century*, TASCHEN, London pp. 384-385
- SANHUDO, A.1992-1993 “Heráldica Marcoense”, pp. 235-240
- SEQUEIRA, G. 1900, “*Palácios e solares portugueses*”, Coleção Enciclopédia pela imagem, Porto pp.56-89
- SILVA, J. 2000, *Marco de Canaveses: Um olhar sobre o património* Vol I da Pré –História à Época Medieval, Marco de Canaveses pp. 4-95
- STOOP, A. 1993, *Palácios e casas senhoriais do Minho*, Civilização, Porto pp. 11-13
- TRIGUEIROS, L. [et al] 1993, *Fernando Távora*, Blau, Lisboa pp. 127-129
- YIN, R. K. 2003. *Case study research*. 3.<sup>a</sup> ed. Thousands Oaks, CA: Sage pp.4-8

Artigo em publicação periódica:

- BARROCA, M. J. (1998). *Torre, casas-torre ou casa fortes: A conceção do espaço de habitação na pequena e média nobreza na baixa idade média (séc. XII - XV)*. Vol. 19. Revista da Historia das ideias.
- AO'AS (s.n) *Ordem dos Arquitectos, Álvaro Siza Gold Medal – Portugal 1989-1995*

Artigos de publicações em série electrónicas:

- ARAÚJO, A. *A Carta de Burra*, ICOMOS Australia , Trad.para língua Portuguesa: [em linha]. Dezembro de 2006, [referência 04 de Junho de 2013], pp. 1-18. Disponível na internet:<<http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>>.
- COHN, D. World Architecture. *Weekends in the country- Quinta Santo Ovidio, Douro Region, Portugal*, by Álvaro Siza United Kingdom: Builder Group. [em linha]. Abril 2002, no.105. [referência de 14 de Maio de 2013], p. 26-33. Disponível na Internet: <[http://www.dncohn.es/quinta\\_santo\\_ovidio.htm](http://www.dncohn.es/quinta_santo_ovidio.htm)>.
- Conservação e restauro de arte. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [referência de 9 de Setembro de 2013]. Disponível na internet <[http://www.infopedia.pt/\\$conservacao-e-restauro-de-arte](http://www.infopedia.pt/$conservacao-e-restauro-de-arte)>
- Carta de Cracóvia: Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído [em linha] Cracóvia (Polónia), 26 de outubro de 2000 - [referência de 15 de Setembro de 2013], p. 1-6. Disponível na internet: <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>
- Carta de Lisboa sobre a Reabilitação urbana integrada [em linha]. 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa, 21 a 27 de Outubro de 1995 [referência de 15 de Setembro de 2013],p.1-4. Disponível na internet: <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadelisboa1995.pdf>>



- Intervention on the Quinta de Santo Ovidio, Douro, Portugal. *On Diseño*. Barcelona: Aram Ediciones.[em linha] Fev. 2003, no. 239. [referência 14 de Maio de 2013]. p. 262-287. Disponível na internet: <[http://www.ondisenio.com/proyecto\\_en.php?id=390](http://www.ondisenio.com/proyecto_en.php?id=390)>
- FERRÃO, B. Departament de Projectes Arquitectònics - Revistes i Congressos -*Casa da Covilhã*, Universidade Politécnica de Catalunya. [em linha] 1998, no.14. [referência de 15 de Maio de 2013],p. 42- 45. Disponível na internet: <<http://hdl.handle.net/2099/12177>>
- GRAMMONT, A. *A Construção do Conceito de Patrimônio Histórico: Restauração e Cartas Patrimoniais* PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultura [em linha], vol. 4, núm. 3, septiembre, 2006, Universidade dela Laguna, Espanha, [referência de 15 de Maio de 2013], pp. 437-442. Disponível na internet: <<http://www.redalyc.org/pdf/881/88140311.pdf>>
- Private Chapel in Douro - Revista Detail [em linha] , Setembro de 2009 [referência de 10 de Maio de 2013], [referência de 15 de Maio de 2013], Disponível na internet: <<http://detail-online.com/inspiration/private-chapel-in-douro-103781.html>>
- PORTUGAL, F., GOMES. *Restauro e Reabilitação na Obra de Fernando Távora: O Exemplo da Casa dos 24 (1)*. Arquitectos, Vitruvius, São Paulo (versão revista de um trabalho de investigação efetuado no âmbito de um mestrado em Reabilitação do Espaço Construído, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra) [em linha] – *Abril de 2008*, [referência de 19 de Maio de 2013]. Disponível na internet <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.095/147>>

Endereços eletrónicos:

- Architectour International Contemporary Architecture Database- <<http://www.architectour.net>>
- Google Maps - <<http://maps.google.pt>>
- Glossário SIRCHAL - <<http://www2.archi.fr/SIRCHAL/glossair/glosdefp.htm>>
- IGESPAR - Instituto de Gestão de Património Arquitetónico e Arqueológico - <<http://www.igespar.pt>>
- SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico - <<http://www.monumentos.pt/>>
- Solares de Portugal - A arte de bem receber”, Edições INAPA, 2007-  
<http://www.solaresdeportugal.pt>
- Últimas Reportagens – Fernando Guerra -  
<http://ultimasreportagens.com/>